

Adebio de Jesus Ribeiro Lisboa

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO

UM CAMINHO PARA ESTUDAR
LITERATURA BRASILEIRA

Adebio de Jesus Ribeiro Lisboa

A LINGUAGEM DOS
QUADRINHOS
NO ENSINO MEDIO
UM CAMINHO PARA ESTUDAR
LITERATURA BRASILEIRA

2022 – Editora Unigala

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Autor

Adebio de Jesus Ribeiro Lisboa

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Imagens, Arte e Capa: Freepik/Uniesmero

Revisão: O Autor

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L769a Lisboa, Adebio de Jesus Ribeiro
A Linguagem dos Quadrinhos no Ensino Médio: Um Caminho
para Estudar Literatura Brasileira / Adebio de Jesus Ribeiro
Lisboa. – Formiga (MG): Editora Unigala, 2022. 84 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-995692-7-2

DOI: 10.5281/zenodo.6814155

1. Linguagem. 2. Quadrinhos. 3. Ensino Médio. 4. Estudos. 5.
Literatura Brasileira. I. Lisboa, Adebio de Jesus Ribeiro. II. Título.

CDD: 741.5

CDU: 74

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam
responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os
fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
[https://www.unigala.com.br/2022/07/a-linguagem-dos-
quadrinhos-no-ensino.html](https://www.unigala.com.br/2022/07/a-linguagem-dos-quadrinhos-no-ensino.html)



ADEBIO DE JESUS RIBEIRO LISBOA

**A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO
ENSINO MÉDIO
UM CAMINHO PARA ESTUDAR
LITERATURA BRASILEIRA**

“É essa dinâmica de revelar e ocultar as faces do desejo que aproxima a palavra poética da palavra numa análise. Ambas dizem o que na vida ordinária e comum não podemos ouvir. Elas se encontram na condição de signo desautomatizante, desalienante, inusitado, que rompe o *status quo* da língua e desafia o que teima em se acomodar. Tanto a psicanálise como a literatura falam de algo que escapa pelas malhas da linguagem, mas que só nela pode ser flagrada” (ROSEMBAUM, 2012, pp. 225-234).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A PROBLEMÁTICA ACERCA DO ENSINO DE LITERATURA.....	14
2 PREÂMBULOS SOBRE QUADRINIZAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS.....	30
3 LITERATURA, PARA QUÊ?.....	45
4 LITERATURA NO MUNDO E LITERATURA NO BRASIL.....	62
5 QUADRINHOS: UMA NOVA MODALIDADE DE LITERATURA?!.....	67
6 LITERATURA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA.....	71
CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

Em face às constantes mudanças na sociedade do século XXI, sobretudo com o desenvolvimento e aprimoramento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's), o professor em sala de aula tem procurado conduzir seus procedimentos de ensino-aprendizagem, em consonância e em dialogia com os discentes, no intuito de proporcionar-lhes uma ampla formação e, para isto, há que levar em consideração suas singularidades, habilidades e práticas autônomas de aprendizagem.

Especificamente no contexto da disciplina de Literatura Brasileira, cumpre a este docente, oportunizar ao aluno a exploração de textos de autores brasileiros de modo prazeroso, levando o estudante a um estado de fruição, despertando-lhe o interesse por meio do aprimoramento de suas estratégias de leitura literária.

Dentre os caminhos possíveis, como metodologia a ser aplicada em sala de aula, pensou-se numa composição, da oferta de textos literários e textos adaptados para a linguagem de quadrinhos. Há no mercado versões de grandes títulos da literatura brasileira, publicados em quadrinhos. "O gênero quadrinhos apresenta uma modalidade própria de linguagem. Dois tipos de signos gráficos se conjugam na sua construção: o visual e o linguístico"¹, em que o visual está fazendo referência a toda a representação de imagens, expressões (de humor, de alegria, de tristeza, etc) e o linguístico, porque possibilita o uso de gírias, onomatopéias, diferentes formas de expressão de letras, que possuem significados próprios e independentes.

¹ LINS, M. da. P. P. *O tópico discursivo em textos de quadrinhos*. Vitória: EDUFES, 2008, p. 39.

O interesse principal com esta abordagem é motivar o estudante a participar do mundo literário, apropriando-se de sua riqueza singular, sem perder a função pragmática do ensino formal [*tradicional*] de literatura que tem marcado a história clássica da educação.

Este é um princípio complexo, porque não somente o estudante é inserido em um formato inovador de aprendizagem, o que sugere a adaptação a um método singular de aprender como o professor vê-se obrigado a adaptar os seus modos e métodos de ensino, porque a nova estrutura de linguagem está em um nível nem abaixo nem acima do clássico, encontra-se em um patamar diferenciado aonde há que existir uma interação entre o que se pretende ensinar e o que se espera que o estudante venha a aprender e a apreender, tornando-se coadjuvante no processo didático da literatura.

No presente estudo, está-se trabalhando com a teoria da tradução intersemiótica, combinada com oficinas de estratégias de leitura literária, a fim de se possa ver evidenciado o processo de aprendizagem dos textos literários, e a consolidação da compreensão e da autonomia leitora, no nível da fruição, ou seja, quando o estudante introjeta o processo de leitura literária, em que “Saussure enfatiza, acima de tudo, a plasticidade dos símbolos-personagens, cujo valor se transforma na dimensão diacrônica em vista da arbitrariedade do signo, que é o âmago da semiologia. Essas personagens estão sujeitas a alterações: o seu significante, o seu significado – em dois planos: o ser e o fazer da personagem – e a sua relação com as outras personagens.”²

A linguagem dos quadrinhos é uma forma de aproximar-se de uma construção mais sintetizada de formas de

² BRODEN, Thomas F. Semiologia/semiótica em Saussure e Jakobson: conceitos, filiações, debates. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 19 - Número Especial/Dossiê: p. 299-309, 2017, [p. 301].

pensamento complexo, “em que as ações de linguagem extrapolam o linguístico, haja vista serem os textos de natureza plurissemiótica”³, o que conduz o pensar a leitura de um clássico em formato de prosa demanda uma condição de fruição do pensamento altamente complexo, linearizado e que confronta com as novas perspectivas de ensino e aprendizado mais concatenadas com os tempos presentes.

O objetivo que se propõe com esta nova abordagem didática para o ensino de literatura se dá em meio a estudos que apresentam novas performances dos sujeitos da aprendizagem, na perspectiva dialógica de Bakhtin, em que o foco passa da obra para a possibilidade de interação entre leitor e o objeto de sua leitura/análise.

Os estudos até agora apresentados têm mostrado que não há perda nos ganhos objetivos de formação da personalidade leitora dos estudantes, porque como estão na potencialidade de análises subjetivas, elaboram tertúlias pedagógicas em que a apreensão do saber alcançado vai sendo somado ao que se partilha, mediados pela ação didática dialógica proporcionada pelo professor.

Isto é o que se espera que ocorra quando se utiliza o ensino de literatura brasileira, por meio de textos em formato de quadrinhos, aonde a linguagem torna-se mais fluida e próxima do nível de desenvolvimento epistemológico e cognitivo-intelectual do estudante. Com isto, não se está a afirmar que seu nível é inferior ao do professor ou do adulto maduro, somente que as dimensões psicológicas estão em níveis e variáveis [dependentes e independentes] diferentes e agrega a isto, o fato de que a modernidade oferece muitas maneiras de distração, bem como modos distintos de absor-

³ Lins, M. da P. P., Elias, V. M. da S., & Capistrano de S. Jr., R. (2013). Humor e Construção de Objetos-de-Discursos em Tiras de Quadrinhos. *9ª Arte (São Paulo)*, 1(2), 41. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/99717>, p. 44.

ção dos formatos de conteúdos em nível epistêmico que a educação e os educadores devem buscar absorver, a fim de tornar a sua práxis mais eficiente e eficaz.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que tem se tornado necessário a amplitude das formas de ensinar literatura e satisfazer o gosto do estudante pelas artes literárias e pela produção intelectual, ressaltando que a escolha pelos quadrinhos como forma de ensinar literatura clássica brasileira, a obra literária brasileira, devido à sua característica pouco ousada em termos psicológicos, quando comparada à produção literária de outros países, é porque os quadrinhos desde a época dos *pulps*⁴, vem se garantindo no mercado editorial, paralelamente aos grandes títulos da história.

A leitura, realizada no formato de quadrinhos, permite ao leitor um espaço maior de flexibilidade quanto ao tempo de vinculação ao seu objetivo de análise, interpretação, compreensão e síntese do que está sendo buscado. Neste processo, o professor não está isento de ter que estar alinhado com o texto clássico em formato de prosa, que caracteriza-se como um texto no qual se prolonga em períodos, frases, orações e parágrafos, para que possa, dentro dos limites da formação didática proposta, inferir das análises dos estudantes, ampliando as formas de compreender a literatura, aproximando-se da mesma.

A pesquisa está categorizada em um objetivo geral que visa, com esta modalidade de ensino da literatura bra-

⁴ *Pulp* ou *pulp fiction* revista *pulp*, ou, ainda, revista de emoção, são nomes dados, a partir do início da década de 1900, às revistas feitas com papel barato, fabricado a partir de polpa de celulose. Os *pulps* substituem publicações anteriores como *penny dreadfuls*, *folhetins* e *dime novels*. As *pulp fictions* eram um tipo de entretenimento rápido, sem grandes pretensões artísticas. Pode-se dizer que ocupavam o lugar das séries de televisão atuais. Embora muitos escritores respeitados escreveram para *pulps*, as revistas foram mais conhecido por suas histórias sensacionalistas e capas apelativas. Essas revistas geralmente eram dedicadas a histórias *noir*, mas também de fantasia e ficção científica (GRESH, Lois; WEINBERG, Robert. *A Ciência dos Super-heróis*. São Paulo: Ediouro, 2009).

sileira [*por meio de quadrinhos*], promover o encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigüe a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

A linguagem pode ser compreendida como qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, representado por um sistema de símbolos ou sinais ou objetos instituídos como signos; código.

Já sobre a metalinguística, M. Quintana afirma que, “a função metalinguística está presente nos dicionários, cujos verbetes explicam a própria palavra, no filme que tem por próprio tema o cinema, no poema que tem por tema o fazer literário, em uma peça de teatro e demais gêneros em que a linguagem está preocupada com o próprio código.”⁵

Os diálogos representam as oportunidades de trocas de ideias entre dois personagens nos textos e como eles se dão, na forma de prosa e na forma de quadrinização. A estilística vai estudar os estilos de expressão em que, a partir do conhecimento e interpretação dos mesmos, se pode aproximar-se de compreender o momento histórico, o grau acadêmico do escritor e para quem direcionava suas obras, tratando-se de um ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que individualizam estilos. O clichê será trabalhado no seu sentido figurado, que representa uma ideia já muito batida uma fórmula muito repetida de falar ou de escrever, um chavão. E a semântica aparece como estudo sincrônico ou diacrônico da significação como parte dos sistemas das línguas naturais, num sistema linguístico, o componente do sentido

⁵ QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983, p. 176.

das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados.

A pesquisa possui como objetivo geral a intenção de verificar de que forma a literatura de quadrinhos pode proporcionar o encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigüe a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

Os objetivos específicos caracterizam-se em analisar como a literatura e os quadrinhos confluem para uma aprendizagem mais dinâmica em sala de aula. Como esta modalidade de ensino da literatura pode proporcionar aos estudantes a ampliação dos seus horizontes e a diversificação de seus conhecimentos, através da leitura de história em quadrinhos; e como último objetivo, apresentar estratégias de ensino da literatura para estudantes do Ensino Médio que utilize a literatura de quadrinhos.

Esta pesquisa apresenta como hipótese a ideia de que estratégias de leitura literária híbrida – que busca abarcar o processo dialógico entre o texto literário canônico e, em linguagem de quadrinhos - numa sala de aula do ensino médio pode determinar como resultante pragmática, numa aproximação do educando com os clássicos literários, desenvolvendo-lhe a compreensão textual e o aprimoramento da escrita, o que resulta na conquista da autonomia e da fruição leitora, em decorrência do processo de adaptação intersemiótica.

O livro está caracterizado em 7 capítulos, discriminados em uma problemática, onde os processos e desafios relativos ao ensino de literatura brasileira tem se apresentado como um desafio para professores de Letras e Linguística, porque surge uma nova possibilidade de ensino como resposta aos desafios de novas estruturas de pensamento.

PROBLEMÁTICA ACERCA DO ENSINO DE LITERATURA

O ensino de literatura sempre representou um problema a ser solucionado e que se mostra como uma questão de difícil solução, porque como se pode ensinar algo que não se pode tocar, a não ser pela sensibilidade e pelo sentimento de compreensão do que foi interpretado a partir da escrita de alguém que não encontra-se mais presente para dizer o que significa suas palavras e expressões.

Como exemplo clássico, tomemos a obra de Machado de Assis (1839-1908), *Dom Casmurro*, em que ele relata sobre a estética de Capitu, que possuía *olhos de ressaca* e, é exatamente, neste ponto que se pode deter em meio a uma terrível complicação interpretativa, porque a que tipo de ressaca, refere-se o gênio? À ressaca de uma noite de embriaguez ou à ressaca intrépida do mar? E a situação não se resolve com nenhuma facilidade, porque ao mesmo tempo em que coloca uma vivacidade voraz no olhar de sua personagem mais enigmática, coloca uma nuvem de mistério em torno do mesmo que faz o leitor perder-se entre um e outro ponto de análise, interpretação e síntese, sem saber o que pensar, de fato.

Após esta breve explanação, eis que já se pode aproximar-se do objeto-alvo desta investigação, que é a quadrinização das obras literárias canônicas e já se traça a primeira pergunta-problema, que guiará toda a discussão: Qual expressão estética, artística, visual, semântica, filológica será conferida ao texto a ser adaptado aos quadrinhos?

Esta pergunta surge no campo do provável, porque ao criar uma estrutura imagética para um determinado objeto, o artista confere-lhe um tipo de visual que, pode não ser compatível com aquilo que o autor [*do texto original*] pensava no exato instante de sua elaboração. Assim que, a

expressão de detalhes surreais, de caracteres altamente subjetivos são postos aos leitores como uma verdade finita, pronta e acabada, restringindo o campo da imaginação e da ampla discussão sobre tais elementos e sua condição de livre interpretação.

Sendo assim analisada esta primeira questão problemática, a solução imediata seria um aprofundamento epistemológico do docente acerca do problema dado até alcançar uma solução prévia ao ponto de poder lançar aos estudantes novas questões que amplie a busca epistemológica e a reflexão sobre aquilo que está posto às suas vistas. Até mesmo porque há que se ter o devido cuidado no que tange à quadrinização de obras literárias clássicas, em que, tal ação não pretende esgotar a prática hermenêutica e filológica, tão caras e inerentes à Literatura.

Este processo deve ser entendido como uma metodologia ativa que tem como objetivo geral a aproximação do leitor ao seu objeto de interesse, este que é transformado em uma linguagem mais acessível e mais dinâmica, sob vários aspectos psicológicos, visando atender a uma gama selecionada e tratada a partir da óptica da Sociologia, o que produz como resultado direto, um entendimento mais flexível daquilo para o que se colocaria uma barreira natural, impedindo a construção de pensamentos mais finos e mais profundos em torno do entendimento natural da obra.

Neste sentido, a quadrinização não pode ser vista como um fim em si mesma; antes como um meio, por meio do qual se torna possível atingir um fim, sem perder a essência do trabalho original e mesmo as características filológicas inerentes a ele. Não será possível atingir tal condição, porque toda adaptação acarreta em perdas diretas sobre o material original que, a cada manipulação vai sendo distorcido nos formatos possíveis de entendimento, o que desperta para uma necessidade mais ampla, peremptória, que é

o nível de formação e de conhecimento literário do professor, para que este possa ajustar qualquer [possível] falha no processo de adaptação que se acarrete em uma dificuldade de aproximação do leitor-estudante ao sentido semântico do texto original, compreendendo que, neste processo, trabalha-se com uma perspectiva da didática e da dialética, logo, os objetivos dizem respeito, respectivamente, aos processos formais, pragmáticos e sistemáticos de ensino e de aprendizagem.

Está-se trabalhando com a hipótese de que ao adaptar os textos literários canônicos aos quadrinhos, tal ação poderá proporcionar uma maior aproximação dos estudantes com a leitura, despertando-lhes a paixão e o interesse. Isto se mostra bastante possível, porque como defende Oliveira, “arte narrativa por natureza, o quadrinho traz em si grande potencial comunicativo, apresentando uma união própria entre as linguagens verbal e não-verbal. Com a literatura, arte que também trabalha com a narratividade, o quadrinho tem estabelecido uma ampla interação, em que as linguagens e enredos se interseccionam.”⁶

Esta formação de novas seções de linguagens multidimensionais, onde se mesclam, em especial, a verbal e a visual, promove uma condição inteiramente nova para que o estudante possa tomar esta primeira impressão como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma intelectualidade e uma cognição maduras e autônomas sobre a obra estudada, não estando vinculado a sua capacidade de leitura imagética do mundo, o que pode ser positivo e ao mesmo tempo, limitante de que faça uma leitura a partir de

⁶ OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008, p. 10.

seu mundo interno para o mundo externo, ocorrendo o contrário, porque uma visão de mundo e dos personagens já está posta ali.

Neste íterim, o professor deve valer de sua práxis para fazer as interferências mínimas necessárias, orientando e demarcando um espaço em que os estudantes devem explorar para além do que está representado, porque a literatura é uma expressão singular de um mundo particular, portanto, a interpretação do texto e não a leitura é o que interessa, de fato, no ensino da mesma; é o que ela traz de mais essencial da história, da política, do ser em si e para si e não se pode perder de vista toda esta condição auferida pela leitura dos clássicos na formação da personalidade acadêmica do estudante.

A produção acadêmica, relativamente pequena, sobre este tema constitui um problema inicial e aqui, a abordagem é a de que não têm sido produzidas muitas teses e/ou trabalhos de investigação levados a efeito com isolamento de indivíduos e comparando com outros grupos, a fim de mensurar, estatística e matematicamente, o ganho em aprendizagem, interesse e motivação com relação à literatura em estudantes do Ensino Médio, quando comparado com o método tradicional e canônico de ensino.

Logo, o que se tem para trabalhar são conjecturas e deduções, a partir de ações de professores e que, para deixar as coisas bastante complexas, resistem ao hábito de estudos, crendo que a leitura e o entendimento que alcançaram desde os tempos de formação acadêmica inicial já se faz suficiente para compreender o texto e poder ensinar com eloquência e expertise.

Este é um problema grave, porque a literatura sendo uma criação [*e não uma mera produção*], exclusivamente humana, os textos trazem em si toda uma conjuntura filogenética do autor que a produziu e que se move no

tempo e no espaço, como se estivesse viva. Nisto, tem-se flutuações complexas, como a interferência de idade do leitor na compreensão refinada do texto e outras intransigências que marcam a singularidade de um trabalho literário.

Um exemplo, neste sentido, é a obra *Crime e castigo*⁷, de F. Dostoiévski (1821-1881), em que uma alta compreensão do texto só é alcançada após a idade cronológica do leitor de 35 anos, fato este já tratado por grandes mestres do pensamento filosófico, como, p.e, F. Nietzsche (1854-1900). Isto se dá porque a literatura é “a expressão catexial do sagrado e do profano que existe, em estado latente, no espírito do escritor”⁸ e que dadas às circunstâncias que permitem o conflito, este se manifesta por alguma via, mostrando-se incompreensível, ao leitor, por uma diversidade de elementos que independem de seu nível de intelectualidade e capacidade cognitiva de análise, interpretação e síntese.

Assim que, a adaptação dos textos clássicos literários para os quadrinhos não pode ser tomado como a quintessência da didática do ensino de Literaturas vernáculas, porque não o é; representa um esforço para aproximar-se de um público amplo que, por vezes, não se interessa pela leitura por causa de detalhes inerentes ao mesmo, como a exemplo do que foi exposto acima, em que a individualidade do escritor se sobrepõe e interpõe na obra elaborada, fazendo com que seja carregada de uma aura [quase] indecifrável.

É esta condição peculiar das grandes obras que se espera que o artista quadrinista seja capaz de absorver e transpor do texto original para os quadrinhos. Neste sentido, Oliveira argumenta que “ambos [literatura clássica e quadri-

⁷ Obra publicada, originalmente, em 1886.

⁸ SOUZA, S. R. *Comunicação pessoal ao autor*, realizada em 01 de setembro de 2019.

nhos] apresentam recursos que, se bem aproveitados, podem enriquecer e possibilitar diferentes formas de comunicação, permitindo novos ‘olhares’ sobre a sociedade e a existência humana.”⁹

Surge, assim, o desafio que cabe ao docente, que é o de explorar as condições sobre como aproveitar, ao máximo, as oportunidades apresentadas por ambos os elementos e possibilitar ao estudante, a realização de uma comparação analítica e se sua resposta for positiva ou negativa a cada uma das partes, isto cabe um processo de análise e compreensão, não podendo creditar juízos de valor ao que se alcança como resposta, partindo do entendimento científico que a resposta auferida pelo objeto trata-se de uma *variável dependente*, ou seja, a ela deve ser conferida toda uma gama de interpretação, sempre que possível, retornando ao objeto, a fim de saber o que está a dizer ou a referir com sua expressão, resposta, colocação, escolha objetual.

Isto se faz necessário porque há o nível de leitura e compreensão dos estudantes varia sobremaneira, dentro de uma sala de aula, não sendo possível determinar, via de regra, como dimensionar um nível de aprendizado a que a todos de modo idêntico. Ademais, a quadrinização de textos clássicos não pode ser vista, entendida e interpretada como um substituto, um sucedâneo da literatura em prosa ou em verso. São modos diferentes de atingir públicos diferentes e que possuem níveis distintos de aprendizagem.

A postura do professor, ao levar a efeito sua práxis e esta deve ser compreendida em sua extensão mais ampla,

⁹ OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário*: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008, p. 10.

que é a de que se trata de uma relação dialética de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática, ou seja, não está em discussão a qualidade ou a respeitabilidade na adaptação, porque adulterações contextuais há de haver, sendo inevitável tal ocorrência, porque além de ter-se a questão da ambientação, há ainda o público-alvo a que foi pensada tal ação; se para crianças, se para adolescentes, se para jovens.

A cor que se utiliza para adaptar também vai interferir na produção do imaginário do leitor, porque os contos de fadas, por exemplo, são da Europa, fria, cinzenta, dias escuros, noites densas, céu nem tão azul assim, por questões de condições climáticas ou ainda se pensar em *O morro dos ventos uivantes*¹⁰, de Emily Brontë (1818-1848), em que os personagens são tuberculosos, logo são magros, caquéticos, pálidos, ausentes deles qualquer traço de beleza estética e a região onde se passa o romance é cercada por pântanos e charnecas, lúgubre e sempre coberta de neblina.

Uma adaptação de um clássico como este, deveria obedecer a esta métrica, o que poderia parecer lógico, no entanto, a estética visual da adaptação não pode seguir os padrões canônicos, uma vez que são técnicas distintas que se interpõem na elaboração do pensamento de quem lê o texto. Com isto, mais uma vez, retornamos ao problema da formação e conhecimento técnico do professor de literatura, que deve ser um leitor treinado e capaz de referenciar, com sólidos fundamentos, seu saber acadêmico sobre o tema e as obras escolhidas como objeto de desempenho.

Por todo o exposto até aqui, já se evidencia que toda adaptação vai custar adulterações pesadas nos elementos, quer seja os tangíveis, quer seja nos intangíveis, impondo

¹⁰ Obra literária publicada, originalmente, em 1847.

sobre o leitor um interesse comercial da editora e o mais paradoxal é que existe esta necessidade, considerando que sem tais mudanças na apresentação do cenário, o texto adaptado não atrairia a atenção do leitor, lógico, ressaltados todas as condições peculiares de cada obra e cada gênero literário. Uma adaptação quadrinística de *O médico e o monstro* (Jackill & Hide) e *O retrato de Dorian Gray* não podem retratar um ambiente ensolarado e encantador, porque ambas as histórias se passam na cidade Londres (UK) e esta é marcada por suas penumbras e cenários lúgubres, cinzentos e escuros. Logo, cabe ao professor preparar seus estudantes para a compreensão de que o local onde a história é ambientada, ainda que tenha sido uma criação do autor, obedece a padrões de originalidade, porque algo ali naquele espaço está vinculado a sua psicologia, o que se interpreta por uma análise da psicologia do objeto¹¹, neste caso específico, o vínculo que há entre o autor e suas vivências singulares e particulares.

Amarilha destaca outro ponto marcante no processo de adaptação dos textos canônicos aos formatos de quadrinhos, que é a intertextualidade, onde se exerce uma gama de elementos comunicativos, como a questão textual, em si, a percepção visual sobre o objeto e a produção de imagens em confronto com as que são apresentadas pelo roteirista. Segundo esta autora, “um aspecto que participa de forma sutil, mas definidora na intertextualidade é o ritmo da narrativa. O desenvolvimento das ações ganha extrema

¹¹ *Psicologia do objeto* é um conceito elaborado pelo Professor Belarmino Senhorinha de Oliveira, durante a produção de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, da Universidad del Salvador (Buenos Aires), em 2018 e faz referência ao princípio elementar que cada objeto estudado possui características singulares que o conformam, de acordo com o meio no qual esteja inserido e, assim, exige do investigador que o entenda como possuidor de tais elementos, porque seu comportamento, embora se suponha poder ser determinado pelo contexto, não pode ser previsto com exatidão. (Nota do autor, 2022).

agilidade nos quadrinhos como recurso que dá mobilidade aos personagens e leveza às situações.”¹²

O risco que se corre, com toda esta condição de mobilidade e leveza é o de o estudante acomodar-se a este formato de texto como sendo o último refúgio de aprendizagem para a literatura e o professor, também, assim entender, por vezes picado pela mosca azul¹³ da inclusão de grupos marginalizados aos processos mais eletuários de métodos de ensinos. O processo segue um padrão em que o docente deve criar uma metodologia capaz de atender aos anelos da didática e não aos anseios particulares de quem esteja a ensinar ou que esteja a aprender.

Trabalhar literatura em sala de aula continua sendo como a mais complexa ação metodológica, porque parte do pressuposto de que aquele que aprende não será capaz de compreender, caso não leia a(s) obra(s) citada(s) e o professor não ensina caso seu aluno não realize a leitura do que foi indicado e ainda debruçar-se sobre os pormenores, realizando uma busca muito mais ampla sobre os elementos que cercam o texto e seu autor. Partindo da realidade de mundo do leitor, chega-se, no máximo a lugar algum, a o famoso mundo da utopia, que em muito pouco tempo se transforma em uma distopia com a convivência de todos e o entendimento de que estão formando figuras geniais.

Nisto, tem-se que, ao quadrinizar obras clássicas literárias, busca-se novas formas metodológicas para se ensinar literatura, visando à aproximação do leitor com o seu

¹² AMARILHA, Marly. Magali e Cascão vão à escola: transitando entre imagens e palavras. In: Idem. *Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 09.

¹³ O poema *Mosca Azul*, de Machado de Assis, publicado no livro *Ocidentais [talvez em 1880]* conta a história de um plebeu que, ao deparar-se com uma curiosa mosca azul, com asas de ouro e granada, deslumbra-se e passa a sonhar com poder e riquezas, ilusão que acaba comprometendo sua sanidade e seu senso de realidade.

objeto de estudo. Pensado de modo isolado, tem-se um maior distanciamento do trabalho de ensino-aprendizagem, porque cria novas estruturas que não se fazem próximas ao avanço do processo pragmático elaborado didaticamente.

M. Lima é bastante contundente ao afirmar que o ingresso da Literatura no mundo dos quadrinhos é uma situação recente e inovadora, sendo vista com ressalvas pelos professores que, em termos de literatura clássica, são sempre tradicionais e resistentes a qualquer tipo de inovação, este o motivo porque aqui, tem sido referido a estes textos como canônicos.¹⁴ Sobrexiste todo um ordenamento [*quase*] místico de veneração sobre as obras dos autores clássicos que, qualquer manipulação da mesma fora dos preceitos autorizados pelos sacerdotes da Filologia e da Linguística poderia ser considerado como uma blasfêmia, um ato de vilipêndio contra o pensamento do autor e consequentemente, com sua criação.

Assim que, o professor é o primeiro objeto a ser trabalhado, psicologicamente, quando se pensa em colocar à sua disposição, a possibilidade de levar a efeito o ensino de literatura clássica utilizando a adaptação quadrinística em sala de aula. Há que derrubar o tabu de que esteja subvalorizando a obra literária, a própria literatura e a arte de ensinar, o que cominaria no entendimento de uma subaprendizagem. “Até décadas passadas as HQ eram vistas pelos educadores como uma sublitteratura, sem muito caráter instrutivo, ou seja, só era considerada unicamente como uma forma de passatempo.”¹⁵

¹⁴ Canônico é um adjetivo que caracteriza aquilo que está de acordo com os cânones, com as normas estabelecidas ou convencionadas. LIMA, Marcelo Soares de. *Literatura em Quadrinhos: Uma questão de adaptação*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Recife, 14 a 16/06/2012.

¹⁵ LIMA, Marcelo Soares de. *Literatura em Quadrinhos: Uma questão de adaptação*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Esta questão apresentada por este autor deve ser esclarecida, porque não se trabalha aqui, com a ideia de literatura dos quadrinhos, mas de uma forma didática de leitura que são os quadrinhos e dado o volume de indivíduos que aderem à leitura destes, seja em novelas de faroeste, gibis, comics, super-heróis, muitas das vezes, englobando gerações de várias categorias de idades e momentos históricos, o que se percebeu foi a possibilidade de um nicho de mercado, adaptando novelas e textos clássicos a este formato de apresentação. E nada disto desvaloriza ou sobrevaloriza uma obra, porque o oposto também tem se dado, em que textos, publicados, originalmente, em formato quadrinístico são adaptados para formatos em prosa ou versos, com ampla aceitação de público, havendo aquelas adaptações que ficam melhores que o original, outras que se mostrem fieis e aquelas que decepcionam ocorrências bastante comuns, variando com a capacidade intelecto-cognitivo do leitor/analista e se já tenha travado contato com o material em seu formato primitivo.

Esta ausência de contato com o material original pode representar um fator complicador mesmo [*e principalmente*] para o docente, porque pode ocorrer de, ao invés de promover uma formação, provoque e/ou desperte para uma deformação, especialmente quando coloca em pauta as famigeradas *tertúlias dialógicas*¹⁶, em que, em nome de uma suposta inclusão e valorização do saber individual, se elege como verdade qualquer sandice ou estultícia que venha a surgir de quem nada entende e que leu uma obra clássica

Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Recife, 14 a 16/06/2012, p. 12.

¹⁶ *Tertúlia Dialógica Literária* é um encontro de pessoas para dialogar sobre um livro de literatura clássica universal que promove a construção coletiva de significado. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade de análise, interpretação, compreensão e síntese de conteúdos complexos, ou seja, reuniões literárias para inglês ver que, no máximo, levam ninguém a lugar algum.

uma única vez, às pressas e sem um suporte adequado de um profissional habilitado e que seja estudioso do assunto.

Ressalta-se, aqui que, a quadrinização é um ato artístico, respeitando todos os preceitos técnicos da arte relacional e o ensino utilizando tal técnica é outra questão, bem mais complexa e que possui seus próprios padrões de exigência didática, cabendo, neste sentido, ao professor que se dedique a estudar a melhor forma de promover o ensino aos estudantes, visando ao máximo de aprendizagem intelectual formal no campo da literatura vernácula.

Esta subvalorização dos quadrinhos no meio acadêmico se deve a um preconceito clássico, a começar que este tipo de literatura não nasceu de dentro da Academia, se não em seu espaço, uma vez que estudantes mais bem entrosados com o pensamento e a forma de atuar psicologicamente transformaram esta possibilidade em um nicho de mercado, que veio a ser explorado por grandes corporações do mundo dos desenhos, porque atraía uma fatia da população que possui uma fluidez muito elevada em suas formas singulares de pensar e de agir sobre e no mundo: os pré-adolescentes e adolescentes de fato.

Foi explorado no mundo dos super-heróis em que estes personagens enfrentavam perigos e monstros além da capacidade de imaginação normal, sendo apresentados seus formatos já prontos, vindos de outros espaços de existência supra terrena, ou seja, o ambiente em que surgiam tais criaturas estava além do ordinário e de onde se habitava, não sendo possível confrontar com o criador a veracidade ou a falsidade do que estava ali exposto, de forma que o *princípio da falseabilidade*, de K. Popper¹⁷, não se faria aplicável sobre tal objeto.

¹⁷ Para K. Popper, uma proposição poderia ser considerada verdadeira ou falsa não a partir de sua verificabilidade, e sim da sua refutabilidade (ou falseabilidade).

Como não se tratava de um objeto sobre o qual se poderia aplicar um princípio científico de análise e de interpretação empírica, ficou relegado ao conceito de subliteratura e, Oliveira afirma que, “apesar da ampla popularidade dos ‘quadrinhos’ como entretenimento temos poucas reflexões teóricas sobre seus processos de criação que nos permitam compreender como se dá o diálogo quadrinhos-literatura na prática: quais as possibilidades de união e intersecção entre os suportes? Qual a contribuição de tal interação para a produção cultural do nosso tempo? Que relações existiriam entre esse tipo de arte visual-verbal e as experiências da vida humana?”¹⁸ [O destaque está no original].

A observação científica, segundo ele, é sempre orientada previamente por uma teoria a ser comprovada, ou seja, a ciência que se baseia no método indutivo seleciona os fenômenos que serão investigados para a comprovação de algo que já se supõe. Por essa razão, o critério de verificabilidade nem sempre será válido. O princípio proposto por Popper, em vez de buscar a verificação de experiências empíricas que confirmassem uma teoria, buscava fatos particulares que, depois de verificados, refutariam a hipótese. Assim, em vez de se preocupar em provar que uma teoria era verdadeira, ele se preocupava em provar que ela era falsa. Quando a teoria resiste à refutação pela experiência, pode ser considerada comprovada. Com o princípio da falseabilidade, Popper estabeleceu o momento da crítica de uma teoria como o ponto em que é possível considerá-la científica. As teorias que não oferecem possibilidade de serem refutadas por meio da experiência devem ser consideradas como mitos, não como ciência. Dizer que uma teoria científica deve ser falseável empiricamente significa dizer que uma teoria científica deve oferecer possibilidade de refutação – e, se refutadas, não devem ser consideradas.

Fontes:

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. *O princípio da Falseabilidade e a noção de ciência de Karl Popper*; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-principio-falseabilidade-nocao-ciencia-karl-popper.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2019.

POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB, 1972.

¹⁸ OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008, p. 10.

Os questionamentos colocados aqui, pela autora, são contundentes e abrem espaço para discussões de grande amplitude, porque além de analisar a conjuntura psicológica do autor da obra original e suas respectivas vivências, há, ainda que considerar toda esta perspectiva da parte de quem realizou a arte de adaptação do texto vernáculo ao formato de quadrinhos e na continuação deste processo que não para de desdobrar-se em vários formatos, o professor deve ter sua vida esmiuçada, a fim de saber que experiências o atravessaram e como isto se deu, porque tais situações conduzem a análises e interpretações [*muito*] singulares, refletindo no processo de formação intelectual do estudante que, não pode ser deixado à sua própria sorte ou azar no trabalho de leitura, análise, interpretação e síntese das obras clássicas, porque haveria de surgir “quimeras, extravagâncias, [e] princípios que descansam em noções mal definidas.”¹⁹

A observação de F. Bacon é para que o professor esteja atento ao seu trabalho, especialmente, quando se trata de análises de alta complexidade, como a que se trabalha no campo da literatura, exposição já, exaustivamente discutida, páginas acima, em que se tem como exigência todo um empenho acadêmico de quem ensina e esteja atento para quem ensina, visando ao despertar do prazer de ler e o exercício do pensar de modo complexo, o que Vygotsky classifica como sendo parte de um processo que ocorre em ciclos, estes formando uma espiral do conhecimento²⁰, onde a consolidação do saber se efetua ao cruzar com o aprendido que, pode validar ou refutar o alcançado em termos de verdade científica.

¹⁹ BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 127.

²⁰ A este respeito *vide* VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Em uma matéria publicada no Jornal da Metodista, em 2010, os repórteres falam que a pedagogização de textos adaptados para os quadrinhos tem conduzindo a uma condição de empobrecimento da atividade didática, porque ao fazer isto tentam, à força, conduzir o estudante a [*supostamente*] aprender literatura sem a necessidade de ler, analisar, interpretar e sintetizar a obra vernácula, ficando assim, no plano do superficial e do [*muito*] raso. “É importante que quem esteja lendo uma adaptação saiba que não está lendo a própria obra literária, mesmo quando a adaptação mantém-se fiel ao texto literário. O que penso, no entanto, é que muitas vezes há uma ‘pedagogização’ das histórias em quadrinhos, o que promove uma utilização empobrecida das mesmas, uma vez que se deixa de explorar todo o potencial artístico e comunicacional que esta linguagem tem e que merece ser explorada por si mesma.”²¹

A exposição dos jornalistas, apresentada nesta citação, corrobora tudo que já foi exposto até aqui, em que a quadrinização é uma técnica comercial que vem sendo utilizada pelo meio acadêmico como uma forma de possibilitar novos recursos didático-metodológicos para se ensinar e para se aprender literatura, caminhos por meio dos quais se espera alcançar novas possibilidades e não fins em si mesmos.

Esta investigação parte da seguinte situação-problema: De que maneira, o professor pode ensinar literatura tendo como elemento de suporte didático para sua práxis pedagógica, a literatura em quadrinhos? A busca por respostas concentra-se na condição de dirimir dúvidas no sentido de esclarecer se a oferta de obras literárias brasileiras na linguagem quadrinística em consonância com o texto original em sala de aula pode envolver, didaticamente, o

²¹ JORNAL DA METODISTA, 2010, s.p.

estudante de Ensino Médio com a leitura do cânone, na disciplina de Literatura Brasileira.

Trabalha-se com a proposta de desenvolvimento de um potencial em que se confronta o que já se alcançou até agora com o ensino canônico da literatura clássica vernácula e o que é possível alcançar, utilizando esta nova proposta metodológica.

PREÂMBULOS SOBRE QUADRINIZAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS

Os desafios que vem sendo postos aos educadores de todas as áreas do saber humano confluem para que se busquem alternativas e estratégias de ensino nestes campos, como uma forma de proporcionar aos sujeitos do saber o direito público subjetivo de natureza social ao conhecimento aprimorado e que satisfaça suas capacidades/potencialidades de assumir-se como sujeito de sua aprendizagem intelectual de modo autêntico e autônomo.

Esta abordagem, em que a técnica de ensino considera o sujeito desta aprendizagem como aquele que deve ser visto, ao final do processo, como alguém que detém a posse de tal elemento como uma conquista sua, agregada ao trabalho de desenvolvimento do profissional exige que se busquem estratégias de ensino adequadas aos novos tempos, em harmonia com a possibilidade de acesso do sujeito em adequar-se a tais procedimentos de ensino.

Vale destacar que, o ensino de Literatura brasileira não se trata de um processo fácil, porque engloba inúmeras variáveis, de maior ou de menor impacto sobre o aprendiz, dentre as quais podemos destacar a necessidade de se conhecer, sob a perspectiva sociológica, os ambientes e os costumes específicos de cada época, em que viveu o autor e respectivamente, os personagens retratados na trama.

Agrega-se ademais, o vocabulário da época, em que se costumam referir-se como sendo rebuscado demais, muito formal, entre outras situações de exagero, demonstrando falta de conhecimentos específicos sobre cada momento da cultura linguística brasileira, tornando-se outro fator de complicação exagerado no ensino sistemático da literatura, porque, de imediato estas crenças, sem fundamento pragmático, transformam-se em verdades, afastando

o público-alvo da aprendizagem da possibilidade de uma aprendizagem eficiente do tema.

Isto obriga aos pensadores a elaborarem estratégias de ensino de literatura, de forma a que todos os envolvidos possam travar contato com os textos de autores clássicos, preconizando aprendizagens de elevado nível contextual e social. Uma destas estratégias de ensino aplicadas à literatura clássica brasileira é a utilização, em sala de aula, de romances literários re-escritos em forma de quadrinhos.

Na concepção de Pina, “os quadrinhos nasceram com a reprodutibilidade do impresso e seu consumo amplificado, mesclando estratégias verbais e não verbais de interação com diferenciados segmentos de público e narrando visualmente variados tipos de histórias”²², tem se mostrado como uma poderosa ferramenta metodológica de ensino de literatura clássica, principalmente, porque fragmenta os tópicos de leitura e ainda mescla o visual e o escrito, ampliando a capacidade de síntese imagética pelo leitor.

Não se está aqui, tratando da literatura de quadrinhos que, tem sua história realçada a partir dos *pulps* e *fan-zines*, tipo de produtos muito comuns nos Estados Unidos da América, no início do Século XX.²³

O que se aborda aqui é uma adaptação do texto clássico, acabando com a distinção entre clássico/elitário, representado pela criação de obras em prosa ou verso, sem imagens e não clássico/popular considerado como sendo de valor inferior, em que o professor distinguia seus estudantes pelo tipo de leitura que realizavam.

Este preconceito com relação aos textos em quadrinhos advém do fato de que os produtores destes buscar

²² PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 149.

²³ SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *A Liga da Justiça no Divã*. São Paulo: PerSe, 2018.

um mercado não especializado em que o leitor focalizado não estava em condições intelectuais de fazer grandes aprofundamentos teórico-reflexivos ou, simplesmente, não se interessavam em realizar tais coisas. Buscava tais leituras, com o simples intento de divertir-se, distanciar-se do mundo real.

Com a ampliação do acesso à educação por parte de uma massa que necessitava de novas formas de ensino formal, seja porque suas raízes antropológicas e/ou sociais não lhes proporcionaram um contato mais refinado com a perspectiva da leitura, coube à escola encontrar formas eficientes e que pudessem mostrar-se eficazes para promover o ensino formal daquilo que se preconiza nos currículos, o que já de antemão, ao referir-se aqui a tal ação, transparece que o ensino de literatura clássica brasileira por meio de quadrinhos não é uma diminuição da mesma, antes, trata-se de uma metodologia de ensino, que visa aproximar o estudante do saber vernáculo aos textos e autores vernáculos, o que se mostra como um autêntico papel de inclusão social e promoção do ensino a todas as classes.

Caberá ao professor, titular de sua respectiva área, selecionar que autores melhor se adaptam aos seus estudantes, analisando a idade-série, o potencial cognitivo, o interesse pela leitura, seu grau de conhecimento sobre as obras disponíveis e a partir de tal diagnóstico construir seu plano de trabalho didático que incluirá técnicas de redação, como resenhas, dinâmicas de grupo, narrativas orais, escritas e outras formas que julgue pertinente, a fim de ampliar e potencializar o horizonte linguístico e de leitura, análise, interpretação e síntese do estudante.

Toda esta análise investigativa sobre o potencial dos estudantes mostra-se necessária, porque há sempre que ter muito claro que “ler é bem mais que decifrar caracteres escritos ou impressos: é interpretar. É colocar em interação

identidades e diferenças, é ter sobre o objeto uma perspectiva temporal, cultural”²⁴, e na atual conjuntura, em que se tem como prerrogativa a inclusão de uma parte da população que, historicamente, esteve afastada dos produtos de maior capacidade potencializadora dos procedimentos de formação humanística, a construção de meios de atender a este grupo de forma a que alcance os processos fundamentais de aprendizagem e contato direto com elementos teóricos e o pensamento dos grandes mestres da literatura vernácula e internacional, contribui, sobremaneira para garantir tal formação integral.

Quando um autor literário descreve uma situação em seus trabalhos, está a realizar uma síntese fina de seus problemas políticos, a partir de sua lente que é transferida a um personagem, este que não é ninguém mais que ele mesmo, expresso e transposto para um local onde esteja a haver a ocorrência de alguma distopia e, como sempre haverá o medo de ser atacado pela censura, o escritor utiliza de uma linguagem romântica, metafórica, em que pode fazer uso de sua licença poética para mostrar sua consternação e indignação ante o presente que vive.

Em sua forma original, clássica, o leitor, caso não tenha o devido preparo linguístico pode não alcançar esta condição de interpretar o texto, o que faz com que o processo de quadrinização, auxilie em tal situação, porque as sequências de pensamento são interrompidas a cada pedaço de tempo e torna-se especializado, permitindo a formação de cadeias de ideias, possibilitando e potencializando o entendimento do texto clássico, antes incompreensível, somente por causa da dinâmica linguística com que é apresentada ao leitor.

²⁴ PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje*. Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 154.

A este respeito, Pina ressalta que todo o cuidado no manejo da linguagem pode ser determinante para uma boa ou uma má condição de aprendizagem, porque “as linguagens contactam, sintonizam e atualizam nossos sentidos e nossa capacidade de entrar na cadeia de semiose. Ao interagirem entre si, as linguagens, associadas às características das mídias que as suportam e veiculam, transformam e potencializam a cadeia semiótica.”²⁵

Podendo compreender da exposição da autora que, com a quadrinização, o que se busca é exponenciar o universo semiótico e construir toda uma cadeia de elaboração do pensamento do estudante, fazendo com que a aprendizagem da literatura deixe de ser algo distante da realidade e se transforme em algo fluido e capaz de ser absorvido pelo mesmo com maior capacidade de apreensão do saber adquirido.

Há que esclarecer que toda estratégia de ensino, especialmente estas que se vinculam aos trabalhos de línguas vernáculas e literaturas clássicas, já trazem em seu bojo uma aura de superioridade, mistério, que tende a assustar aos estudantes, pela simples menção ao autor que as produziu e, por si só, tal ação cria impossibilidades de aprendizagem e absorção dos conteúdos. Assim que, o processo de quadrinização rompe com esta construção fantasmagórica que passou a envolver as construções literárias, possibilitando ao professor atingir objetivos mais amplos em sua práxis.

Neste sentido, segundo Vergueiro, “a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades

²⁵ PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 151.

para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação [...].”²⁶

Vergueiro esclarece que a quadrinização de obras literárias clássicas cria um universo singular de entendimento da obra, porque assume uma nova postura e uma forma particular de ser e estar exposta ao leitor. Ressalta que ela assume uma posição própria, uma sintetização que é construída em conjunto por aqueles que elaboram a adaptação, compreendendo que não basta traduzir a linguagem vernácula clássica para uma linguagem mais próxima da realidade social em que se comporta a população das escolas públicas, há que ter todo um estudo, profundo e dinâmico, para que a essência do texto original mantenha-se presente e acessível quando da interpretação pelo estudante-leitor. Diferentemente disto, ter-se-ia, uma construção arbitrária, visado a atender a um nicho de mercado e não é a isto que se presta a elaboração de tal propositura com a adaptação quadrinística dos textos clássicos.

Patrícia Pina esclarece que a intenção do texto adaptado, ainda que apresente suas variações, que são próprias em decorrência da mudança de estilos, deve buscar manter a harmonia e a caracterização do pensamento do autor em todas as suas especificidades estéticas, mesmo que haja um realce de transmutação temporal e cultural, considerando que, no processo adaptativo, por mais fiel que o artista se proponha e mesmo que tente a manter, distanciando-se da elaboração temática, seus traços de originali-

²⁶ VERGUEIRO, W. Quadrinhos e Educação Popular no Brasil. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 22.

dade e personalidade fazem-se presentes. A autora explica que, “no processo da adaptação quadrinística, o texto adaptante reconfigura o texto adaptado em níveis e graus variados, o que resulta em um espessamento da relação do texto com o leitor. A quadrinização de textos literários é uma forma de produção artística que se expõe como intervalar, pois em sua própria denominação conjuga duas linguagens originalmente polarizadas.”²⁷

Assim que, quais os riscos que envolvem a produção artística de quadrinização de obras consideradas como sagradas? A busca por uma resposta a esta questão envolve saber que elementos foram considerados e imputados ao autor original quando de análises de sua construção intelectual. Machado de Assis (1839-1908) é um destes escritores enigmáticos, em que a quadrinização de seus clássicos podem ter uma sequência que pode conduzir a erros de interpretação ou não, porque ele é tão exigente na exposição dos detalhes que expõem seus personagens que, caso o artista siga a construção dada pelo autor original, o leitor será conduzido a uma percepção muito aproximada do que é.

Outro exemplo de uma obra de Machado de Assis que não oferece muita dificuldade para adaptar via quadrinhos é Esaú e Jacó²⁸, uma vez que se trata de um texto já escrito em forma de aforismos, cujo significado é *limitação, definição breve, sentença*. Embora estes condensem conceitos amplos em poucas palavras, os aforismos nem sempre têm intenção de ser uma verdade absoluta, encer-

²⁷ PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 154.

²⁸ Obra publicada, originalmente, em 1904, em que Machado de Assis assume uma postura muito formal, existencialista, filosófica, talvez por influência do pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Isto permite que a obra seja lida como um romance em estilo aforístico ou como uma reflexão profunda sobre a vida, a existência e o ser. (O Autor, 2019).

rada em si e para si: podem, muitas vezes, ser uma metodologia de expressão de pensar. Quando faltam palavras para definir coisas que por vezes parecem inomináveis ou indefiníveis, lá estão os aforismos, prontos para verbalizar pensamentos e sentimentos e a linguagem utilizada aproxima-se de uma expressão da vida existencial, em sua máxima crueza realística, fugindo de seu costumeiro estilo rebuscado de expressão dos sentimentos humanos linguístico-literários.

P. Pina faz uma observação profunda com relação à adaptação de textos literários clássicos para os quadrinhos, em que segundo a autora, o leitor deve ser capacitado a sentir-se atravessado pela experiência do que irá ser adequado a sua construção intelectual, isto porque o texto original mantém-se vivo e preponderante na conjuntura mesmo da obra adaptada, esclarecendo que o roteirista realiza um processo dinâmico de intertextualidade e não supratextualidade ou transtextualidade, tomando o cuidado aqui de expor que, ao adaptar, o artista introjeta sua visão sobre o que é realizado e não pode-se perder de vista que haverá vieses os quais não podem interferir na estrutura intelectual da obra.²⁹ Abe, assim, ao professor, que seja preparado o suficiente para orientar as leituras e as análises até o limite de que o estudante saiba o que buscar e porque de fazê-lo, ao longo dos seus estudos autônomos e em grupo.

Assim se expressa a autora supracitada, com relação à adaptação de obras canônicas para os quadrinhos: “No processo de adaptação para os quadrinhos, ainda que a mídia seja a mesma da literatura, as linguagens interagem e o texto adaptante, mostrando-se em sua intertextualidade, convida o leitor a atravessar o lido, a interpretar e criar, a

²⁹ PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje*. Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014.

partir dos jogos textuais. O texto adaptado não é apagado, ele permanece no texto adaptante. Mas este não se submete àquele: são textos diferentes, um reconfigurado pelo outro, que não esconde essa marca, pelo contrário, se mostra exatamente como transcrição, transmutação.”³⁰

Esta colocação de Pina acende uma condição de alerta, porque exige que o professor esteja interado na condição desta apropriação do texto original pelo adaptado, não estando sujeito a reduzir-se a ele, como algo que possa explicar a formação de um leitor crítico, capaz de fazer conexões complexas a partir do pensamento original dos autores.

Da mesma forma que ela explica em que há um processo que transcende a criação original, tendo como ponto de partida e de chegada a obra original, o professor deve ser capaz de entender que necessita criar estratégia de ensino para si mesmo e pensar em como seu estudante irá aprender e apreender o que lhe está sendo ofertado. Mesmo que se diga que há avanços nos processos de aprendizagem, fica-se na meia curva exponencial sobre o que fazer depois que foi proporcionado o gosto eclético pela leitura de literatura vernácula clássica e internacional nos estudantes.

Vanderlei Santos argumenta que “são desejáveis experiências didáticas que visem fortalecer essa possibilidade, resultando em benefícios para a área de literatura e de artes visuais; consequentemente, o educando será estimulado à leitura da linguagem literária clássica por meio de outra linguagem, a visual. Será possível perceber, em decorrência, a integração das duas linguagens na leitura e produção de literatura em quadrinhos.”³¹

³⁰ Idem, 2014, p. 159.

³¹ SANTOS, Wanderley Alves dos. *Literatura e história em quadrinhos na educação básica: uma sequência didática criativa*. Universidade Federal de Goiás, 2015, pp. 5-6.

Como estratégia de ensino de literatura e incentivo na formação de leitores, Pina ressalta que, “os textos, quando associados às imagens, diminuem significativamente o tempo de estudo e, na maioria das vezes, promovem maior entendimento por meio da possibilidade de reunir muito mais informação em menor espaço, além de exemplos que gerariam páginas de descrição.”³²

Esta capacidade de proporcionar maior elasticidade a que a autora atribui aos quadrinhos pode ser devido ao formato de imagens, que permite uma sobreposição de análises, linguagens e leituras dos processos de entendimento do que é posto, como desafio ao estudante. A leitura da imagem, às vezes, proporciona maior amplitude de capacidade de compreensão, tomando o devido cuidado para não cercear a capacidade crítica de interpretação crítica do estudante, ressaltando que, ao quadrinizar textos não se pode transformar a atividade didática de ensino da literatura em redundância, reduzindo-a a uma mera atividade política ideológica com intenções de inclusão de sujeitos marginalizados, muitas das vezes, desinteressados de qualquer tipo de esforço intelectual-cognitivo. Isto faz surgir a necessidade premente de “um projeto de leitura que envolva a associação entre o texto literário e sua recriação pela HQ pode se configurar como ação importante no estímulo à formação leitora de estudantes do Ensino Médio, o que evidentemente pode ser profícuo para todas as séries da Educação Básica. Isso porque a literatura transmutada para a história em quadrinhos pode ser uma grande provocação a crianças e jovens tão afeitos às visualidades, já que sujeitos de uma

³² PINA, Patrícia Kátia da Costa. Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 151.

época em que as imagens prevalecem nos discursos mais acessados.”³³

Patrícia Pina é enfática, ao defender esta postura e esclarece, a fim de dirimir quaisquer intervenções e interpretações de cunho pejorativo e diz que, “por meio da adaptação de um texto literário para as HQs, tem-se maior acessibilidade e compreensão de sua linguagem, auxiliando no processo de aproximação do indivíduo com a leitura e constitui uma estratégia eficaz de ensino para aplicação no ambiente escolar.”³⁴

Há que destacar que, quando se fala em estratégia de ensino, pensa-se em longo prazo, em que se têm objetivos de ensino, assimilação, acomodação, síntese e aprimoramento deste saber aplicando-o a outros setores do saber e na construção da personalidade leitora-interpretativa. Como isto será processado, depende da ação educativa, didático-pedagógica, em que o professor pensa a ação docente seguinte à medida que seu estudante demonstra o aperfeiçoamento e a absorção dos conteúdos, que, deve-se salientar, não é original, tendo sofrido impactos daquele que o adaptou.

Neste sentido, Pina volta a alertar para o fato de que, “o ato da leitura de um texto resultante de um processo de adaptação, segundo entendo, demanda a encenação do próprio processo: ler uma adaptação quadrinística, por exemplo, feita a partir de um romance de Machado de Assis, demanda saber que o texto de chegada não é autônomo –

³³ SANTOS, Wanderley Alves dos. *Literatura e história em quadrinhos na educação básica: uma sequência didática criativa*. Universidade Federal de Goiás, 2015, p. 9.

³⁴ PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje*. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 152.

ele demanda o estabelecimento de relações de sentido com o texto de partida.”³⁵

P. Pina chama a atenção, nesta epígrafe, para a formação do professor, no sentido da questão didática, em que a escolha de um texto deve obedecer a critérios de conhecimento profundo acerca do autor, de como pensava, os aspectos sociológicos que envolvem a obra, toda a filosofia que marca o pensamento do mesmo, a psicologia do objeto analisado, estudado e seu próprio grau de entendimento e compreensão da obra a que se propõe apresentar aos estudantes.

Este, na maior das vezes, tem representado o maior desgaste no ensino de literatura, em que o professor deseja parecer erudito e indica leituras de textos de autores de nível intelectual e de complexidade muito elevada, sendo que nem ele mesmo compreende do que se trata e com isto, termina por impor aos seus estudantes verdades epistemológicas não condizentes com o que de fato tenta expor o autor em seus trabalhos. Logo, segundo a autora, o professor *deve* conhecer o texto em sua versão original, dominar os elementos vernáculos, a sintaxe, a conjuntura semântica estrutural, contextual e de igual forma, analisar e compreender as mudanças que o mesmo sofreu, ao ser submetido ao processo de adaptação.

Seguindo esta óptica, Vergueiro salienta que a literatura em quadrinhos é uma metodologia de ensino que deve ser pensada e estudada de modo a atingir fins claros e objetivos, exigindo, para tanto, estudos e performance, de acordo com a exigência dos objetos-alvos. “Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de

³⁵ PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje*. Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014, p. 152.

panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional.”³⁶

O objetivo não é ensinar literatura, é utilizar tal tática como um meio para se atingir um fim, que é o de despertar os estudantes para o gosto e a paixão pela literatura clássica, possibilitando uma condição mais favorável de entendimento do que foi exposto pelo autor, na hora da confecção do texto original. Isto não dispensa todo um estudo sistemático em torno da obra e do autor.

Para Barbosa et al. “não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles.”³⁷

Ao colocar de modo enfático a condição para se ensinar literatura utilizando uma determinada metodologia que, apesar de ser nova, demanda tanto ou mais domínio por parte do professor quando comparado com a forma tradicional de ensino, pode-se produzir a ideia de que os quadrinhos baixam o nível de intelectualidade/complexidade da obra, permitindo ao leitor seu entendimento completo, o que não condiz com a verdade, porque uma filosofia é uma filosofia, não importando a forma como está expressa e posta ao leitor, porque o veículo apenas transporta a realidade, não a adultera, de modo substancial. Logo, todo um estudo

³⁶ VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso das HQs no ensino* In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 27.

³⁷ BARBOSA, Alexandre et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 24-5.

acerca da psicologia do objeto-alvo deve ser desenvolvido, a fim de permitir aproximar-se, ao máximo de uma categorização do ensino e da aprendizagem, caracterizando o processo didático, em sua máxima potencialidade.

Ana Mãe Barbosa é professora de Artes, não de literatura, logo, todo o entusiasmo dedicado não condiz com a relativa complexidade com que envolve o assunto e a ação pedagógica de formação integral do homem, objetivo da Pedagogia e o desenvolvimento de uma postura profunda sobre a aprendizagem, objetivo da didática, enquanto ciência autônoma.

Segundo Alexandre Barbosa et al “as histórias em quadrinhos podem ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição.”³⁸

Estes autores apresentam formas mais sofisticadas e diferentes de alcançar o estágio de aprendizagem dos processos de semiótica a que estarão submetidos os estudantes desde quando adentram o espaço escolar até quando estejam aptos a caminhar sem o auxílio de um tutor. Até este ponto, há que esclarecer que as histórias em quadrinhos são componentes pedagógicos auxiliares, reforçando que o professor deve ser estudioso em nível elevado, porque necessita compreender os processos que compõem toda a obra.

Perrelli & Stryer reforçam a ideia de que, “as histórias em quadrinhos podem ser consideradas ferramentas importantes para se iniciar o processo de incentivo à leitura em sala de aula. Nesse sentido, o professor poderá, por

³⁸ BARBOSA, Alexandre et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 131.

meio desse gênero textual, trabalhar com a leitura de textos escritos acompanhados de textos visuais. Levar os alunos a perceberem que existem vários elementos que colaboram para a compreensão do texto, como por exemplo, os indicativos de deslocamentos, sons, espaços entre outros elementos presentes no texto. Muito importante será também fazer a diferenciação entre balões que indicam que a personagem está falando dos que indicam que a personagem está pensando, bem como fazer a exploração das expressões faciais dos personagens.”³⁹

Os autores citados acima reforçam o aspecto didático que pode ser dado às histórias em quadrinhos, possibilitando fundir a semiótica, as diversas formas de linguagem, os princípios de absorção dos conteúdos postos e a distinção entre os diálogos. Trata-se de uma forma exponencial de ensino e de aprendizagem, que exige formação elementar do professor e categorias de estudo por parte do estudante e assim, entendida, não se trata de baixar o nível dos textos ou dos estudantes; antes deve ser entendida e compreendida como uma técnica metodológica que pode proporcionar excelentes resultados nos campos semânticos do saber e do aprender, proporcionando a formação de habilidades e competências literárias, linguísticas e dialéticas.

³⁹ PERRELLI, M. R.; STRYER, F. A. (2012). *Leitura: a contribuição das histórias em quadrinhos para a formação do leitor*. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uepg_port_artigo_marcia_regina_perrelli_dudziak.pdf. Acesso em 22 set. 2016, p. 14.

LITERATURA, PARA QUÊ?

Este capítulo inicia-se com uma pergunta, que se apresenta mais como um tom de epígrafe, porque ao se questionar a utilidade da literatura para a vida, adentra-se o terreno do pragmatismo e pode que não venha a ter uma resposta objetiva. No entanto, não se está tratando de uma arte que se apoia, na atualidade sobre a escrita e que no passado [*não tão remoto*] apoiou-se sobre a retórica, sobre as contos, estes narrados por via oral, até que surge duas compilações, na cidade de Atenas (Grécia) que mudaria, para sempre, a forma de se fazer a didática (ensino e aprendizagem) da leitura e da escrita. Estas duas obras clássicas, que tornaram-se cânones no Ocidente são a *Ilíada* e a *Odisseia*, a primeira contando a história da Guerra de Troia (que originalmente, chamava-se Ílion, daí o nome da obra) e a saga do herói semideus Aquiles e a segunda contando a história do herói semideus Odisseu, que fica vinte anos perdido no mar, sem poder encontrar o caminho de volta para sua casa, sua esposa e seu filho, após o fim da guerra de Troia, castigado por sua *hybris*, arrogância contra os deuses.

Segundo O. Carpeaux, “a *Ilíada* e a *Odisséia* eram usadas, nas escolas gregas, como livros didáticos; não da maneira como nós outros fazemos ler aos meninos algumas grandes obras de poesia para educar-lhes o gosto literário; mas sim da maneira como se aprende de cor um catecismo. Para os antigos, Homero não era uma obra literária, leitura obrigatória dos estudantes e objeto de discussão crítica entre os homens de letras.”⁴⁰

⁴⁰ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental* V. I. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008, p. 40.

Homero era reconhecido entre os gregos, como o poeta, um ser divinizado na literatura sobre o qual não se poderia lançar qualquer tipo de dúvida nem ao menos sendo permitido a discussão de suas obras. No entanto, “para nós outros, Homero não pode ser outra coisa senão símbolo de uma grande obra literária, puramente literária e capaz de ser discutida.”⁴¹

A literatura, tal e qual se conhecem, na atualidade é uma evolução perene de processos simples em que se contavam histórias fantásticas às crianças e mesmo aos adultos sobre como se formaram as coisas na natureza. Com isto, já tem-se que ela nasce a partir da *Physis*, de uma tentativa de compreensão profunda e sistemática da natureza.

Os aedos e os rapsodos, na Grécia, representam os responsáveis pelo nascimento da literatura que chegou até os dias atuais, porque a partir de seus versos que muitos textos foram formados, ainda na Antiguidade Tardia e na Antiguidade Clássica, têm-se os poetas trágicos, transcrevendo os mitos arcaicos, adaptando-os ao teatro, que floresce na cidade de Atenas.

Neste primeiro instante, já se tem claro qual a utilidade da literatura para a vida. Desde o surgimento de obras escritas, no Ocidente, os dois livros citados acima, foram, por muito tempo, utilizado como material didático para ensino da leitura e da escrita, em Atenas. Mais tarde, a literatura serviu para fins políticos, porque com queda do arcontado-rei e a criação da democracia, o estrategista não dispunha de muita liberdade para atuar sobre o cidadão e assim, necessitava de algo que o coibisse de romper o contrato social. Assim que, as obras literárias serviam para mostrar a

⁴¹ CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental* V. I. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008, p. 47.

este o que lhe ocorreria caso transgredisse os ditames legais tradicionais.

Pouquíssimos livros literários foram impressos depois do fim do período trágico grego e isto se deve ao elevado custo de produção do material, aliado ao fato de que a população era, em sua maioria esmagadora, analfabeta, situação que muda a partir da criação da imprensa por J. Guttemberg (1400-1468), porque ocorre uma drástica redução nos custos, aliado ao crescimento do poder burguês.

Com tal acontecimento, não muda o sentido dado à literatura, apenas que, com o acesso mais amplo a livros, surgem campanhas de alfabetização em massa, com o interesse de que estas pessoas consumissem mais livros e por trás do interesse comercial, criou-se toda uma estratégia de bem-estar produzido pela leitura de obras literárias. No entanto, não havia uma produção de textos que contemplasse a classe menos intelectualizada e isto representou um novo problema, necessitando que surgisse uma nova classe social, a dos artistas literários, escritores que escreviam obras que tratavam de temas triviais e mesmo o filósofo N. Maquiavel (1469-1527) produziu obras em formato de contos e teatro, para além de seus tratados filosóficos.

A função pragmática da literatura sofreu mudanças por meio de discursos que visavam a ajustá-la a um modelo de pensamento; no entanto, sua utilidade para a vida do ser humano foi mais bem explicada a partir da Escola Psicanalítica, em que se começa a conhecer, com mais profundidade, a experiência humana sobre o ato de ser e de existir no mundo e como o homem se comporta frente à sua economia psíquica. Ressalta-se aqui, o esclarecimento de que a função de equilíbrio espiritual, conferido pela literatura ao ser humano não começa a acontecer como fato, após ter-se uma explicação para os fenômenos endocrinológicos, porque ao longo da história Sólon (638-558 a.n.e.) se refeste-

lava de alegria e prazer, quando seu neto lia para ele, os poemas de Safo de Lesbos (Σαπφώ - entre 630 e 604 a.n.e. e ?).

A sua relevância está no fato de que a literatura trabalha sobre o terreno da subjetividade, imbricada na ação de levar o personagem a desafiar o que atravessa a razão pura e a razão prática, sendo entendida toda sua insanidade e ações desmedidas, como representações de coragem e exemplo para os seus companheiros. O herói da trama desafia os deuses e os perigos, sem importar que isto custe a sua própria existência e ainda que busque suporte em algum deus ou força externa, isto se trata de um mero eufemismo, porque se crê superior a toda e qualquer vontade que seja diferente da sua própria e que lhe conduz à realização do seu intento.

Esta superação espiritual é o que faz com que os indivíduos se debrucem na leitura e na tentativa de compreensão do porquê de toda a paixão que faz surgir os relatos fictícios. A condição de fantasia perante a vida é uma necessidade humana, porque nenhum espírito, por mais forte que possa demonstrar ser, não é capaz de suportar o peso da realidade nua e crua sobre si, sem perder-se em meio a devaneios, prejudicando sua condição existencial social, que seria o estado de loucura iminente. Assim que, a literatura serve como um suporte para a manutenção da saúde psicológica individual e social.

A literatura que foi produzida por autores da Baixa Idade Média procuravam exaltar todo um estilo de vida em contato com a natureza ou compilações de contos fantásticos, como o fez Horácio, com suas *Bucólicas* e Ovídio, com sua obra *Metamorfoses*, em que recolheu mitos fantásticos onde em meio a eles algum tipo de transmutação ocorria e o alongou em indefinida condição de tragédia, vingança, zombaria, tendo *leitmotiv*, o impiedoso destino a marcar com

sangue e fogo todo o seu caráter. Virgílio deixa outro épico inconcluso, mas que não deixou de impor sua marca indelével na literatura ocidental, dando uma marca de origem grega à formação do povo latino, inclusive com heranças de nomes importantes na oligarquia romana.

Já a literatura da Alta Idade Média se mostra satírica contra os nobres e os poderosos da época, aparecendo figuras como Voltaire (1694-1778) e D. Diderot (1713-1784) e mesmo J-J. Rousseau (1712-1778), em seu *Emílio* (1762), não deixa de fazer pesadas críticas à sociedade organizada. Mais tarde, surge a literatura burguesa, que exploraria a figura humana em suas maiores cretinices, assumindo um autêntico caráter existencialista, expresso em seus textos.

Eis outro sentido conferido à literatura que permite conhecer alguns traços herdados de povos já extintos e costumes que são oriundos de civilizações que há muito se desconhece por causa da distância temporal, explicitando que a globalização, como meio de troca de saberes é um hábito já muito antigo entre os humanos e mesmo as dominações não foram capazes de destruir os traços filogenéticos de cada povo, nem do dominador e nem do dominado, destruindo sua característica cultural mais marcante.

Em termos menos acadêmicos, para que literatura? Esta é uma resposta que, ao expressar a pergunta já se traduz a revelação da vida, porque esta, desde tempos imemoriais que tem se tornado pesada ao homem, que vive assombrado pela finitude de sua existência, pela sua incapacidade de superar a natureza e por sua impotência ante o universo. Assim, cria figuras mágicas que são capazes de superar todos os tipos de limitações, voando para além daquilo que a existência lho permite fazer, em condições normais. Neste sentido, B. Bettelheim vai dizer que a vida sem este douramento conferido pela arte literária seria insuportá-

vel; assim que, a literatura assume este papel de trazer leveza ao ato humano de existir.⁴²

A licença poética que é conferida pela ação de escrever e descrever um mundo imaginário permite ao escritor que não siga regras canônicas da língua e da lógica. Assim, o literato não tem que seguir quaisquer regras canônicas [*a não ser que assim o deseje*] ou de ética para expor seus personagens aos mais dramáticos eventos e extrair-lhes os mais tenebrosos sentimentos que não exporiam em qualquer situação habitual. Esta liberdade para expor os pensamentos funciona como um elixir no qual todo o empenho do autor mostra o que pode ser realizado, abrindo caminhos para que outras ciências atentem para o que existe para além do que cada indivíduo mostra ou esconde por detrás de sua máscara social. Cada tempo vai ter sua medida de liberdade e nenhum autor será ousado o suficiente a ponto de romper com esta possibilidade de escrever o que seja muito além de seu domínio intelectual e de vivência epistemológica e gnosiológica. Sendo assim, a literatura abre um precedente para que aquilo que é pensado e desejado pela geração futura seja já expresso em tempo anterior, porque, enquanto a consciência permanece limitada ao espaço temporal, o inconsciente tem toda a liberdade de sonhar o futuro e desta forma apresentá-lo, ainda que não seja possível aplicá-lo à realidade objetiva.

Este termina sendo a principal virtude conferida à literatura, quando se interroga qual seu sentido de ser para o ser humano. Bellemin-Noël apresenta uma ideia de que a literatura possui uma liberdade natural, que a torna algo diferente e mais profunda que todo o pensamento abstrato que existe já pensado sobre a natureza e, possivelmente seja

⁴² BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 21. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

neste ponto de intersecção entre ela a Psicanálise, como uma técnica que está condicionada a parâmetros científicos, que a primeira tenha chegado a atuar como um farol que ilumina caminhos outrora obscuros para a segunda. Na concepção deste autor, “a literatura também é algo diferente do corpo mais ou menos embalsamado de ideias já feitas, e que se fizeram fora do contexto imediato, onde cada um se debate: não somente o conjunto dos discursos consignados antes de nós e longe de nós, mas também um discurso particular. Durante muito tempo, ela foi chamada e considerada *útil e agradável*; a utilidade provinha do prazer oferecido; a satisfação devia-se à sua inutilidade para a vida. Discurso literário significa discurso desequilibrado sobre a realidade. Nisto está o seu encanto, o seu drama e sua sorte maravilhosa.”⁴³

Inferindo neste pensamento, o que poderia conduzir o homem ao seu descanso e a uma construção de uma economia psíquica, justamente equilibrada, não fosse a possibilidade de ver expresso na arte aquilo que apenas mantém limitado ao seu mundo concreto. Não se pode iludir, porque da mesma forma que alguém se compraz com a vitória da justiça sobre o mal, haverá aqueles que se comprazem ao ler um drama em que o vilão comete as maiores atrocidades e consegue safar-se sem ser pego e mesmo irá decepcionar-se quando, ao final, por um deslize pueril, este anti-herói venha a ser capturado ou punido pelo destino com a morte.

A arte literária tende a imitar a realidade, ao máximo que pode em seus contextos existenciais e assim como ocorre na vida real, no mundo da ficção, os leitores ficam indignados com a forma como tudo acontece, desejando

⁴³ BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 12.

que fosse de modo diverso do que veem ou leem. Esta é uma dinâmica que somente a literatura consegue aproximar e mesmo imbricar os mundos que cercam os humanos e que os atravessa, de maneira que não se sabe a resposta até que se permita uma visão, por meio de suas ações.

Um exemplo disto é o romance *Hannibal*, de Thomas Harris, em que a despeito de ser o Dr. Hannibal Lecter, um assassino inveterado, até mesmo os policiais designados para caçá-lo e capturá-lo são seduzidos por seu carisma e encontram justificativas plausíveis para seus mais variados crimes de assassinato. O autor apenas transferiu seu fascínio por personagens psicopatológicos reais para os seus personagens fictícios na literatura e conseguiu encantar ao público de tal forma que se tornou um sucesso sem medidas.

Na literatura, tudo é possível àquele que deseja. Haverá muitos empecilhos que farão com que se sinta desencorajado a lutar, mas ao mesmo tempo, em sua última instância de vontade deliberada ou por meio de motivação externa, o milagre acontece, tornando possível alcançar o que se propunha como uma ânsia que o acomete desde tempos em que não se lembra. Não é uma conquista, é uma aquisição que somente na imaginação está posta como possível ao ser, mas que ausente da realidade, exaure o brilho da vida e da existência. Da mesma forma como o literato descreve o amor e suas vicissitudes. A este respeito, Freud, escreve que aos homens normais e aos cientistas é impossível antever e promover um enlace fantástico, não marcado pela violência que a vida [sempre] prepara para seus [queridos] filhos. Assim refere-se o Mestre de Viena: “Deixamos ao escritor de ficção descrever-nos as condições necessárias ao amor que determinam a escolha de um objeto feita pelas pessoas e a maneira pela qual elas conduzem as exigências de sua imaginação em harmonia com a

realidade. O escritor pode, realmente, valer-se de certas qualidades que o habilitam a realizar essa tarefa: sobretudo, de sensibilidade que lhe permite perceber os impulsos ocultos nas mentes de outras pessoas e de coragem para deixar que a sua própria, inconsciente, se manifeste.”⁴⁴

Freud coloca aqui o que pensa qualquer indivíduo normal, mas que não ousaria dar ao literato o mérito de expressar a maior angústia, o maior desejo e a maior felicidade que acomete a existência humana, situações a que ele debruçou-se a esmiuçar e mesmo com toda sua elucidação que trouxe à luz, utilizando sua técnica, não fez com que a literatura perdesse o seu poder de encantamento sobre os mortais. Poder-se-ia dizer que até ampliou esta conjuntura, conferindo mais brilho e certa sedução ao leitor, em que se crê na possibilidade de ele mesmo entender o pensamento dos personagens, do escritor e a si mesmo, o que se trata de uma ilusão desvairada que, no entanto, não importa, a fuga do peso da sua realidade é o que importa.

Esta leitura das possibilidades da literatura ajuda a compreender o porquê Hesíodo (=~ entre 750 e 650 a.n.e.) escrever os seus poemas sobre a origem do ser humano, exaltando os deuses que, mesmo eles foram os responsáveis por permitir a decadência humana ao ponto de, na tentativa de Zeus vingar-se de uma zombaria contra si, criar um mecanismo de destruição que condenou a toda a humanidade a um estado de caos sem precedentes, este que jamais se corrigiu.

Ele não era nada mais que um agricultor e seus escritos atravessaram épocas e chega aos tempos contemporâneos com uma força incrível ao lado do imortal Homero, que era aedo, por profissão. Possivelmente, Hesíodo assu-

⁴⁴ FREUD, S. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (contribuições à psicologia do amor I). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 99.

misse esta função, ao fim do dia, ou nos momentos sacros, fato pouco provável, porque apresenta um Zeus iracundo e vingativo e sem misericórdia, ao mesmo tempo em que mostra a dualidade e a frivolidade humana, já distinguindo o *logos* e a estultícia, como elementos presentes no mesmo serem. Seus dois personagens heroicos, Prometeu (o precavido, aquele que pensa antes de agir, o racional) e Epimeteu (o impulsivo, aquele que pensa depois de agir, não medindo, previamente as consequências de seus atos), dá mais um caráter psicológico e filosófico ao seu trabalho que literário.

No entanto, eis-nos frente à outra função da Literatura, um modo de expressar a razão mais lógica de análise do ser que pensa que existe que age com moderação ou imoderação, através de um texto que se pode ser lido de diversas formas. Neste sentido, tem-se Gilberto Freyre (1900-1987) analisando a obra de Lion Tostói (1828-1910) *Guerra e Paz* (publicado entre 1865 e 1869) argumenta que a mesma pode ser lida como romance ou como um tratado antropológico, em que se narra a história de um povo e de seus costumes, as modificações sofridas devido a um evento não natural, que foi a ocupação napoleônica, valendo-se de memórias e relatos orais para contar a história do povo russo.

Na mesma linha literária, tem-se o romance... e o vento levou (1939), de Margaret Mitchell (1900-1949), em que escreve uma história de amor em meio à guerra civil norte-americana⁴⁵. Muito do que se encontra ali relatados

⁴⁵ A *Guerra Civil Americana*, também conhecida como *Guerra de Secessão*, foi uma guerra civil travada entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos, depois de vários estados escravagistas do sul declararem sua secessão e formarem os Estados Confederados da América, conhecidos como *Confederação* ou *Sul*. Os estados que não se rebelaram ficaram conhecidos como *União* ou simplesmente *Norte*. O conflito teve sua origem na controversa questão da escravidão, especialmente nos territórios ocidentais. Após quatro anos de sangrentos combates que deixaram

são fatos ou histórias baseadas em fatos, o que reforça esta característica singular e múltipla da Literatura: permite ampliar o imaginário e retratar o real, em sua crueza e rudeza, sem o menor problema. Os personagens se fazem e se movem com muita liberalidade sentimental e existencial.

Isto é possível porque, segundo Lopes “o personagem literário é uma pessoa humana num espaço de tempos fictícios, mas capaz de ter uma estrutura e uma dinâmica próprias, análogas às da pessoa humana, no seu mundo e na temporalidade.”⁴⁶

Esta analogia a que faz referência o autor é também a condição de limitação colocada pela cultura e pelos instrumentos de trabalho e desenvolvimento que persitem em existir, apesar da insistência em querer admitir que tudo é passível de ser superado pela imaginação do autor, o que não é verdade. No romance *A Herdeira* (1977), do escritor Sidney Sheldon (1917-2007), um cientista está a trabalhar em um produto cosmético que promete revolucionar toda a indústria farmacêutica, que se tratava do creme capaz de rejuvenescer a pele do usuário. A certa altura da trama, um determinado laboratório do complexo de pesquisa é atacado e destruído e o cientista, morto. O escritor precisava fazer tal coisa, não só para manter a trama viva, como não existe nenhum produto químico, na realidade que detenha tamanho poder miraculoso. Não se trata de a vida imitar a arte e a arte imitar a vida, como se isto fosse fato; a arte está limitada àquilo que a vida oferece como condições reais de ser e de existir.

mais de 600 mil americanos mortos e destruíram grande parte da infraestrutura do sul do país, a Confederação entrou em colapso, a escravidão foi abolida, um complexo processo de reconstrução começou, a unidade nacional foi restaurada e a garantia de direitos civis aos escravos libertos teve início.

⁴⁶ LOPES, José Leme. *A Psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir/MEC, 1974, p. 34.

Apesar de toda esta limitação, que não deixa de ser uma frustração ao ser humano, a literatura ainda vai muito além, possibilitando ao indivíduo que, por ocasião da leitura esta venha a revelar-lhe “uma verdade do discurso literário, a dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós.”⁴⁷

É aqui, neste exato ponto de intersecção com a existência que a literatura se explica como elemento possível, aproximando o ser humano do que Platão classificou como o ato de filosofar, que é o maravilhamento com a vida, com as descobertas que toma, por meio da leitura de textos que, para a maioria das pessoas, não representam nada mais que ideias de um maluco, um lunático, que jamais podem ser corroboradas pelo princípio da verificabilidade ou ainda mais pelo princípio da refutabilidade.

Assim que, a literatura aprendeu, a expressar o ser humano como um cosmo, que representa para si e para os outros que envolvem a existência, coisa que as artes plásticas já conseguiam com muita propriedade, no entanto, a linguagem que esta utiliza para expressar-se é confusa e depende de muito preparo para se chegar ao ponto ideal de poder equilibrar as nuances que se encontram dispostas à interpretação minuciosa e à vista de todos e de ninguém.

Com a arte literária, tem-se um alcance mais próximo do literal, porque a linguagem tornou os seres humanos em seres da oralidade; suas outras capacidades linguísticas e de comunicação ficaram à margem da existência, sendo necessário um esforço sobre-humano para que venham e/ou possam desenvolver-se à contento.

Isto faz com que a Literatura tente expressar-se usando uma linguagem que seja universal e ao alcance de

⁴⁷ BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 20.

todos, o que não é uma verdade, porque faz-se necessário que o leitor saiba ler ou no máximo tenha alguém que o faça por si. A diferença presente é a dimensão do espaço que cabe para tentar expressar-se não conseguindo chegar a lugar algum, por um motivo que se mostra oculto ao próprio personagem e a conclusão do relato, a superação do problema transforma-se em estado de ansiedade [*enquanto se busca*] e em estado de felicidade, quando atingido.

Isto faz com que todo um vislumbre se mostre como algo que vai além de, simplesmente, existir, é estar imbuído do que viver buscar algo com que fantasiar a vida, imaginar que solução proporcionaria caso estivesse no lugar do herói ou do bandido, não importando a paixão que cada parte desperte, porque não interfere no caráter do leitor, apenas leva o expectador a estar imerso e imbuído em mais expectativas para a vida que não foi vivida e que pode ser sonhada e fantasiada.

Tudo isto se torna possível, porque a construção intelectual do escritor só ultrapassa a do indivíduo comum em termos de vivências porque ele não vive em sociedade, está sempre afastado do grupo, como alguém que sofre de uma terrível timidez e isto o obriga a manter-se sempre à margem dos convívios sociais, imerso na análise de seus personagens que são uma reprodução dos seres que compõem a sociedade na qual está inserido.

Com isto, tem-se que “a literatura é um jogo elaborado: a seriedade que preside à sua criação exige mais labor, suas construções são mais complexas. Pois, trata-se (inconscientemente, claro) de apagar os traços do processo primário, afogando-o no meio dos processos secundários que se encontram mais ou menos subvertidos. O escritor produz, em geral, numa língua conforme aos usos da gramática, um discurso de quase racionalidade e de quase mimetismo em face das condições da realidade; se ele se

permite *licenças* de expressão, se tem direito a uma visão *fantasista* das coisas, etc., sabemos bem que são exigências da *arte*. Sem o engajamento de todo o homem, sem a aplicação de sua inteligência, de sua cultura, mas também sem os *grãos de loucura* que, aos olhos do público, fazem do artista uma espécie de *criança grande* ou de perverso inofensivo, não há mais encanto possível.”⁴⁸

O autor apresenta uma nova perspectiva da literatura, que é a de libertar o demônio que habita dentro de cada ser humano, disposto a sair e a bailar sem ser importunado ou mesmo ser sancionado pelas leis que fazem da vida civilizada um local de conflitos entre o princípio da realidade e o princípio do prazer e se não se pode viver sob o segundo na vida ordinária, há que haver um outro espaço onde se pode estar livre o suficiente para tal. Problema que afeta a existência contemporânea que é a de que nem em seu próprio mundo o homem moderno encontra-se livre, necessitando de construir paraísos artificiais, dado que tem se tornado muito fácil nesta era social.

Daí que a função da literatura torna-se a de despertar o patético no leitor, levá-lo a horrorizar-se com as situações e assim, tomar partido na interpretação das atitudes do personagem, conhecendo-o por meio de suas nuances e advenços. O poeta e o literato não estão guardados pela ética, porque expõem sem maiores preocupações todos os segredos dos seus personagens, como se estes fossem meros bonecos que podem ser manipulados a seu bel prazer.

Compreendendo a literatura como uma produção de relações que usa de formas materiais e imateriais, objetos, ideias, sons e signos. Esse é um forte ponto que nos diferencia das tantas espécies de seres vivos. Os humanos

⁴⁸ BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978, p. 33.

produzem rituais, enterram seus mortos, estende os seus corpos formando talheres, criam máquinas e formam um complexo jogo social e relações de poder, expurgam suas angustias, narram o seu cotidiano. Registram suas histórias e deixam documentados a sua estadia no planeta. Assim é que se chega ao entendimento de que a literatura pode ser interpretada como um poderoso e relevante acréscimo à vida.

Freud voltaria a afirmar que, “os escritos [*literários*] estão submetidos à necessidade de criar prazer intelectual e estético, bem como certos efeitos emocionais. Por essa razão, eles não podem reproduzir a essência da realidade tal como é, se não que devem isolar partes da mesma, suprimir associações perturbadoras, reduzir o todo e completar o que falta. Esses são os privilégios do que se convencionou chamar *licença poética*.”⁴⁹ [Os grifos estão no original].

O grande Mestre de Viena fala sobre os poetas e literatos com uma certa ponta de inveja em sua expressão, porque podem ir mais além sem terem que provar qualquer coisa do que expressam, mesmo quando expõem sentimentos que são comuns entre os personagens da vida real. Da mesma forma, na literatura foram relatados muitos sintomas de doenças que somente mais tarde as Ciências Médicas veio a confirmar como tal, em muitos casos, até mesmo consultando os livros de romance, a fim de confirmar se os sintomas descritos conferiam com a doença estudada e assim, traçar uma linha do tempo de registro histórico do fenômeno.

A gama de utilidades da Literatura se perde em meio aos extensos benefícios que propiciam aos campos da estética, do prazer e do conhecimento erudito, especial-

⁴⁹ FREUD, S. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (contribuições à psicologia do amor I). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 99.

mente sobre a estrutura e a economia psíquica humana. Nada pode penetrar mais profundamente nos aspectos da existência do que os textos literários que exploraram o homem e seu mundo sem nenhuma piedade, com isto, permitindo que diversas coisas e situações fossem elaboradas para além da existência ordinária, criando aquilo que se pode chamar de existência possível.

No meio em que se vive, onde tudo tornou-se passível de ser ensinado, ao aspecto pedagógico da Literatura se anexa o aspecto didático e, há que fazer-se transparente, não que ela tenha desejado, mas porque alguém entendeu que existe uma técnica para se ensinar algo completamente intangível e fora do alcance do mensurável.

Neste aspecto, Nunes argumenta que “a forma de se dirigir ao leitor pode ocorrer de várias maneiras. Há dois aspectos importantes a considerar: um didático e outro pedagógico. O didático vincula-se ao esforço que o autor do texto faz para torná-lo compreensível. Trabalha-se de tal maneira que todos os meios que favoreçam entendimento do leitor e a legibilidade do texto devem ser usados. Neste sentido, também se leva em conta possíveis objeções que poderia ocorrer por parte do leitor. Articulada à primeira, temos a função pedagógica, que visa uma identificação do leitor com as convicções que o autor expõe. O que se pretende é uma conversão do leitor, uma mudança em suas representações, com um discurso que para ele possa tornar-se significativo. Essas considerações não apenas devemos levar em conta no nosso processo de leitura, mas também em nossa atividade.”⁵⁰

A fim de responder ao questionamento epigráfico que abre este capítulo, tem-se que ela representa o mais

⁵⁰ NUNES, Antônio Vidal. *Metodologia da pesquisa educacional* [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018, p. 18.

autêntico paradoxo humano e não apenas a sua expressão. Isto porque ela é o métron humano, a *cama de Procusto*⁵¹, convertida em um sentido que, ao mesmo tempo em que mostra ao homem o seu lugar limitado ante à natureza e aos deuses, permite-lhe que ultrapasse esta justa medida e se entenda como um ser que está para a condição de criador e, no máximo, co-criador e não mais como criatura limitada que é e que deveria entender-se como tal no cosmo. A literatura é aquele elemento que consegue proporcionar o justo equilíbrio entre a razão e a sensibilidade.

⁵¹ Procusto (ou Procasta), que significa o *estirador*, foi o apelido conferido a Damastes, um ladrão personagem da mitologia grega que vivia perto da estrada de Eleusis. Costumava atrair viajantes solitários para a sua pousada, oferecendo-lhes abrigo para poderem passar a noite com conforto. Em sua casa, possuía dois leitos de ferro, um menor que o outro, que ele escolhia dependendo da altura do visitante. Depois que a sua vítima potencial adormecia, Procusto a dominava e tratava de adequar o corpo desta às medidas exatas do leito: se ele era alto e os pés sobressaíam da borda, ele os amputava com um machado; se era baixo e tinha espaço de folga, ele esticava os membros com cordas e roldanas. Originalmente chamado de Damastes ou Polípemon, ele adquiriu o nome de Procusto (O Estirador), pelo estranho castigo que dava às suas vítimas. Deitar na *cama de Procusto* significa buscar adequar-se à sua justa medida, ao seu *métron*.

LITERATURA NO MUNDO E LITERATURA NO BRASIL

A literatura sempre teve um papel muito definido ao longo da história humana, desde quando ainda se tinha como tradição a transmissão oral dos conhecimentos e dos feitos heróicos até chegar ao instante em que se desenvolve a imprensa e os livros, tornam-se, relativamente, acessíveis economicamente a uma parcela maior da sociedade. Se há aqueles que creem ser sua missão a desenvolver o entretenimento, esta é uma ideia, quase equivocada, pelo fato de não limitar-se a isto, estando muito mais vinculada à necessidade que se mostrava em dado momento histórico.

A literatura, segundo A. Cândido, “tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.”⁵²

Esta tem se apresentado como uma missão universal e quase uma forma de sobrevivência, porque tem de conviver com a existência paralela de outras formas de artes que se mostram mais atrativas, como o cinema, por exemplo. Isto não quer dizer que a Literatura esteja em perigo de morte, apenas que terminou por aderir a um discurso que, historicamente, não representa o escopo da mesma.

Desde a aparição dos primeiros livros que a intenção dos autores era a de apresentar um mundo idealizado, tendo como fundamento de sua produção, o espaço em que

⁵² CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989, p. 113.

vivia e as inconstâncias que desafiavam a imaginação. Mas, de uma forma interessante, ela encontrou e também, criou mecanismos de propagação dos ideais políticos, de denúncias das arbitrariedades das autoridades políticas, eclesiásticas e de grupos marginais que se diziam defensores das liberdades individuais. Isto pode ser encontrado nas obras clássicas de Victor Hugo (1802-1885), León Tostói (1828-1910), Fiodór Dostoiévsky (1821-1881), e diversos outros autores clássicos da literatura universal que escreveram grandes obras de ficção que mascaravam uma realidade brutal, a qual não se mostrava à vista de todos, como o foi a obra de A. Huxley (1894-1963), *Admirável mundo novo* (1932) e *1984* (1949) e *A revolução dos Bichos* (1945), ambas do escritor George Orwell (1903-1950).

Aqui no Brasil, a literatura não foi menos forte em tratar os problemas domésticos como menos importantes e talvez por este motivo, não tenha alcançado o brilho que teve outros autores de renome internacional, como os já citados acima. Mas, uma coisa é fato, a dimensão dos escritores que produziram obras clássicas no País, mostram um retrato nítido de um momento histórico que foi e continua sendo negligenciado pela história oficial, cabendo, na atualidade a oportunidade de que se possa resgatar o viés pedagógico e didático que cabe a esta expressão artística.

José Veríssimo escreveu, em 1912, que, “a Literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas pri-

meiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento, manifestado literariamente, que dá à nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia.”⁵³

Esta é a principal característica que se pode pensar sobre a literatura no mundo e no Brasil, atualmente, marcada por uma expressiva ausência de escritores que traduzam os anseios do momento político para uma obra que possa expressar, de maneira condensada, o que sente o povo e não consegue expor, seja pela pressão do cotidiano, seja pela formação deficiente que se deu a partir da abertura de escolas de todos os pensamentos, permitindo nascer o ecletismo, como um meio de adaptar-se a todos os gostos e tipos.

O quadro que se mostra é de uma literatura que não consegue produzir obras clássicas que possam ser introduzidas nos currículos e que mereça ser citada nos grandes discursos dos mestres da política, ou seja, esta é uma arte que entrou em um estado de letargia tal que, a superação do problema passa pela re-construção dos anseios sociais pelo bem estar do espírito como uma manifestação da luta pela conquista de um espaço metodológico de enfrentamento da realidade.

Quando se fala em literatura clássica universal, fala-se desde Homero até Virgínia Wolf e as coletâneas de contos orientais árabes, mas, nada que faça ser merecedor de crédito nas últimas quatro décadas e na literatura brasileira, tem-se os grandes autores até o início do Século XX até Jorge Amado e nada mais, sendo sarcástico a situação

⁵³ VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro, s.d., p. 04.

de que, por vezes, se confundem vendedores de livros com qualidade de representação estética e literária.

Os grandes clássicos da Literatura universal e brasileira são marcados pela construção de um cenário romântico sobre uma matriz histórica, técnica que, em todas as vezes que o Cinema buscou adaptar, o resultado foi o sucesso de crítica e de bilheteria, que pode-se considerar a crítica mais pesada e que realmente interessa aos produtores/roteiristas, porque trata-se da aceitação do público. Não é somenos citar aqui, o caso da obra de Margaret Mitchell (1900-1949), ... e o vento levou (1936) que quando de seu lançamento, em plena recessão econômica norte-americana vendeu, somente na primeira semana, meio milhão de cópias, feito jamais superado pela literatura romântica, em qualquer outra época da história.

Aqui no Brasil, cita-se Castro Alves (1847-1871), Aluísio de Azevedo (1857-1913), como autores que souberam explorar os campos histórico-sociais e sobre estas bases epistemológicas construir grandes clássicos. Júlio Ribeiro (1845-1890), que explorou a questão dos instintos e do desejo humano inerente à sua existência.

O que ocorre é que a literatura brasileira e a literatura universal atravessam um instante de crise intelectual, em que se crê que meia dúzia de um texto sobre adolescentes bruxos e vampiros ou lobisomens platinados representam os problemas existenciais de um mundo que se transforma a uma velocidade alucinante, girando a tal pressão que volta e meia alguns são jogados para fora da nave dos insensatos e os que persistem apenas lutam para não serem os próximos. Trata-se da era da *literatura trash*⁵⁴, em que nada

⁵⁴ A cultura popular que nos cerca em nossa vida cotidiana tem uma semelhança impressionante com algumas das grandes obras da literatura do passado. Na televisão, filmes, revistas e anúncios, estamos expostos a muitas das mesmas histórias que aqueles críticos que estudam os grandes livros da literatura ocidental,

de interessante é criado e aquilo que, por curtos instantes, pode encantar é descartável.

mas fomos simplesmente encorajados a olhar para essas histórias de maneira diferente. A grande literatura e o trabalho cultural do passado foram reescritos para a sociedade de consumo de hoje, com tabloides de supermercados como o *National Enquirer* e revistas de fofocas de celebridades como *People*, servindo como versões contemporâneas das grandes tragédias dramáticas do passado. A publicidade de hoje repete o conto da Idade de Ouro, mas inverte o sistema de valores de uma utopia clássica. ARTMELL, Deborah (1997). *Estética do lixo: cultura popular e seu público: a cura de Deborah Cartmell*. Plutão Pr (10 de março de 1997). Pluto Pr.

QUADRINHOS: UMA NOVA MODALIDADE DE LITERATURA?!

Não se pode exagerar na crença de que as *histórias em quadrinhos* represente, ainda uma modalidade de literatura, porque isto seria incorrer em um erro de considerar qualquer manifestação como sendo expressão literária digna de fazer parte do universo vernáculo erudito. Não se pode deixar levar pela ingenuidade de que depois de 08 décadas, esta modalidade de expressão cultural não tenha se mostrado digna de receber um espaço mais amplo nos meios acadêmicos formais, participando de estudos e de processos formais de entendimentos sobre qual é seu público, como ele se comporta, como se apresenta e se o que Reblin diz sobre os quadrinhos se mostra factível por si só ou se realmente há uma tendência universal a aderir aos mesmos como uma nova modalidade literária.⁵⁵

Segundo Reblin, os adultos que hoje gostam de literatura e de histórias em quadrinhos representam as crianças de décadas passadas, no entanto, este é um pensamento inocente e míope do autor, porque já se vão muitas décadas de produção desta forma de arte literária e tal pensamento coloca-a como uma realidade de fins do Século XX e início do Século XXI, o que já se prova refutável, de imediato.⁵⁶

O que faz a literatura de quadrinhos, na atualidade e desde a década de 1980, ganhar tamanha atenção de todos é o surgimento didático da interdisciplinaridade como um instrumental de trabalho pedagógico, que possibilitou e mesmo, para além de influenciar, obrigou a semiótica a unir-se à literatura, transformando a arte de quadrinização em uma ciência, dotando-a de técnicas muito mais sofisticadas,

⁵⁵ REBLIN, Iuri Andréas. Para o Alto e Avante - Análise do Universo Criativo Super-Herói. São Paulo: Asterisco, 2019.

⁵⁶ Idem.

capazes de produzir e reproduzir o real. Agrega-se a isto, a Linguística, a Epistemologia, a Eurística, a Psicologia e a Psiquiatria e com muito mais força a Psicanálise, ou seja, a literatura dos quadrinhos conseguiu absorver tudo o que de muito melhor e superior a Literatura universal e os grandes escritores clássicos expressaram em seus versos e prosa.

Isto seria como apresentar, aqui a hipótese de que as histórias em quadrinhos ocupam um espaço deixado pela vacância dos clássicos que assolou, de forma amaldiçoada, o mundo a partir da década de 1980. Isto, sob nenhuma hipótese a consagra como uma modalidade literária que mereça estar entre os princípios básicos de ensino e aprendizagem, no entanto, não se pode desconsiderar sua força e a exigência que apresenta por uma classificação formal.

“Uma primeira resistência ao uso de textos literários na escola está na manutenção do cânone. Para muitos professores do ensino básico, os textos canônicos são pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje. Para além do cânone, a centralidade mesma do texto literário na escola é questionada. Em um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com muito mais intensidade do que a escrita, não há porque insistir na leitura de textos literários se há filmes, canções, programas televisivos e outros produtos culturais que dispensam a mediação da escrita ou a empregam secundariamente. Por isso, argumentam os educadores, se o desejo é ensinar a cultura, a escola precisaria se atualizar, abrindo-se às práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas e raramente incluem a leitura literária.”⁵⁷

⁵⁷ COSSON, R. O apagamento da literatura na escola. *Investigações: linguística e teoria literária*, Recife, v. 15, n. 1, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.revis->

O que a autora expressa é a necessidade de a escola, junto com sua estrutura curricular, buscar adaptar-se às transformações que as novas propostas didáticas possibilitam, por meio da dialética, onde se tem a oportunidade de dialogar com outras vertentes de pensamentos e epistemologias. Estas construções abrem espaços para novas interrogações que, invariavelmente, conduzem a estudos sistemáticos, visando a responder aos anseios dos estudiosos, ao mesmo em que criam princípios, normas, categorias e leis que possibilitem a inserção e a classificação desta modalidade como sendo estritamente literária.

“Alguns pesquisadores consideram os quadrinhos uma forma de literatura. No entanto, Ramos discorda ao dizer que chamar quadrinhos de literatura nada mais é do que “uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados”, já que estes eram vistos historicamente de maneira pejorativa. Segundo o autor, “quadrinhos são quadrinhos”, pois estes possuem linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.”⁵⁸

O que pode constatar desta epígrafe é que o autor citado faz uma alusão a que se, tomar os *quadrinhos* como uma modalidade literária, estar-se-ia colocando-os em um rol de classificação e isto é algo que poderia provocar o surgimento de interpretações e certo limite à produção dos roteiristas, como se fosse algo canônico, o que representaria uma perda para a produção como tal, porque como cita Rubem Alves, em terra de *urubu diplomado, sabiá não canta*, com isto, entendendo que quem não seguisse os padrões

tainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.15/Investigacoes-V15.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2019. [p. 116].

⁵⁸ XAVIER, Glacy Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. In: *Darandina Revista Eletrônica*. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 10, no.2, 2018, pp. 01-20. [p. 08]

estéticos, literários e canônicos determinados pelos críticos acadêmicos estaria fora do meio de produção.⁵⁹

Quanto à epígrafe que abre este tópico, ela, por si só, traz um entendimento e uma ambiguidade, até mesmo pela dimensão da discussão que se desdobra sobre o tema proposto. Não se pode considerá-la como uma modalidade de literatura se se toma como ponto de análise, as obras clássicas e nem se pode ignorar sua condição de modalidade literária, se ela atende aos mesmos princípios que toda a literatura oficial, canônica.

⁵⁹ ALVES, Rubem. *Estórias de quem gosta de ensinar*. Campinas: Papyrus, 2002.

LITERATURA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Ensinar a estudantes uma modalidade clássica, tradicional, como é a literatura vernácula, a partir de uma nova modalidade de ensino-aprendizagem, em que se tem a necessidade de mesclar elementos tangíveis e intangíveis mostra-se um desafio que não pode ser superado sem uma elevada gama de conhecimento oriunda de outros campos do saber acadêmico, a fim de conferir o devido suporte acadêmico à respectiva ação didática, entendendo que não basta realizar a proposta pedagógica sistemática que se encontra elencada no currículo, há que ter-se uma visão mais ampla do processo, para que possa e ainda se tenha condições científicas para ser criado novas considerações epistêmicas sobre o assunto em questão, apresentado na epígrafe acima.

A fim de se atingir esta condição didático-epistêmica foi montado um plano de ação pedagógica sobre o ensino-aprendizagem de literatura de quadrinhos, utilizando as obras vernáculas clássicas e foi convidada a professora da disciplina de Artes, Jocélia Inêz Cansi Boldrini, porque assim, foi inserido no trabalho, um caráter dinamicamente interdisciplinar, trazendo como objeto de análise estrutural a semiótica. A ideia é aproximar os estudantes da compreensão de que para se formar saberes e conhecimentos teóricos, possibilitando a ampliação da capacidade cognitiva, há que refendar-se a campos do saber em que estes proporcionem a potencialidade necessária para se chegar aos resultados mais proeminentes acerca do objeto estudado.

Para H. Japiassú, a metodologia interdisciplinar consiste fundamentalmente numa resposta a como certo

projeto pode tornar-se possível, com os recursos de que se dispõe para sua realização.⁶⁰

Percebe-se que o autor fala em uma proposta metodológica que possa unir duas ou mais ciências e já expressa-se, por ocasião deste trabalho que, toda ciência é, por natureza, interdisciplinar, logo, quando se mescla ciências afins na busca por respostas mais objetivas, é porque a capacidade destas pode ser ampliado, oferecendo aos estudantes maiores respostas em termos de conquistas epistemológicas e aos professores, maiores condições de compreensão acerca do comportamento do objeto e de estruturação didático-metodológica.

A intenção com toda a elaboração metodológica é ampliar o universo e o impacto da leitura sobre os estudantes, instigando-os para a mesma, partindo do entendimento de que, “através da leitura, o homem aumenta o seu universo de discurso, e, com isso, a possibilidade de multiplicar suas visões e aspirações sobre o mundo. A leitura poderá também conduzi-lo a uma disciplina pessoal que o levará a desvendar os intrincados dilemas e as diferentes facetas dos problemas que o mundo oferece. Aplicará sua capacidade de raciocínio e aptidão perceptual, permitindo ao homem agir, conhecer e transformar o mundo.”⁶¹

Tudo o que a autora coloca como ponto de reflexão está em sintonia com o que se pretende com este projeto que é a formação do estudante-leitor em sintonia com uma compreensão profunda do que está proposto nas leituras que venha a realizar, como parte de sua formação intelectual-cognitiva acadêmica e de forma independente. Foi a partir desta hipótese de trabalho que se preconizou a escolha do

⁶⁰ JAPIASSÚ, Hilton. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.

⁶¹ FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 11. Ed. Campinas: Papirus, 2003, p. 54.

autor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), em que debruçou-se sobre três de seus inúmeros clássicos, a saber: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Esaú e Jacó* (1904).

A escolha destas três obras se deu pela dimensão histórica, nível de conhecimento social e impacto das mesmas sobre a análise comportamental humana. São três clássicos muito conhecidos, exaustivamente discutidos e debatidos nos meios acadêmicos de estudos sistemáticos e círculos literários, o que não representou dificuldades na aceitação por parte dos estudantes.

O desenvolvimento da atividade prática de ensino-aprendizagem de literatura em quadrinhos teve como objetivo geral, proporcionar uma nova forma de ensino sistemático de literatura clássica brasileira, utilizando uma nova abordagem didático-metodológica. Trata-se de uma construção inovadora, onde professores e estudantes buscam aprender ao máximo, não apenas sobre o objeto em si, mas sobre como fazer com que todo o processo seja de tal modo elucidativo que os transforme, não perdendo de vista que, “a capacidade de conhecer uma *prática em suas limitações e possibilidades* supõe o conhecimento das *intenções* que determinam ou direcionam esse agir pessoal, particular, individual, e que somente assim teremos condições de adquirir *novas formas de perceber, conhecer e agir* em outras perspectivas.”⁶² [Os grifos estão no original]

A autora expressa o pensamento de que uma ação didática é determinada por uma ação pedagógica, ou seja, há intenções, planos, planejamento, que resulta em ação, reflexão, abrindo espaço para novas ações, agora mais

⁶² FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 11. Ed. Campinas: Papirus, 2003, p. 72.

centradas nos resultados, uma vez que as hipóteses preliminares já foram respondidas.

A oportunidade posta de conhecimentos protagonizados pela oficina didática de ensino-aprendizagem de literatura em quadrinhos foi, uma condição que elevou o patamar pedagógico de leitura, análise, compreensão e interesse dos participantes em romper com os dogmas de que o ensino e a aprendizagem devem seguir padrões rígidos de modalidades já definidas, como se tais princípios se determinassem por leis ortodoxas.

Os relatos dos estudantes e da professora regente da disciplina de Arte que incrementam esta dissertação (*vide* próximo tópico) mostram a dimensão do que se pode alcançar, por meio da inovação didático-metodológica nos diferentes espaços e campos do saber acadêmico-educacional. Isto reforça, ainda, a certeza de que a Literatura é um campo que se move, inovando e aberto a inovações, capazes de transformar o estudante-leitor, por meio de sua ação, que se torna ativa e também ao professor, por meio de sua práxis pedagógica, entendendo esta como a relação de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática.

Complementando esta explanação, Silva argumenta que, “o sucesso dos quadrinhos está na própria sedução que as imagens têm. Sua leitura muitas vezes pode ser feita inclusive por analfabetos ou até mesmo quando escritas em outro idioma, apenas interpretando a sequência de imagens. Assim, os quadrinhos se constituem uma ferramenta de incentivo à leitura, pois até mesmo pessoas não afeiçãoadas à leitura de obras densas, são leitores de gibis, por sua ordem linear e sua linguagem clara e objetiva.”⁶³

⁶³ SILVA, Rafael Laytynher. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super Heróis para a Formação de Leitores Críticos. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 5 - Edição 1 - Setembro-Novembro de 2011.

Este foi o objetivo diretivo com a oficina realizada, levar os estudantes a descobrirem novos métodos para que possam aprender a sentir gosto e prazer com a leitura dos clássicos literários sem que isto os fizessem reféns de uma técnica que, por vezes, mostra-se equidistante de suas potencialidades. Deixa transparente que a intenção não é nivelar o acesso à leitura a partir do [*suposto*] desinteresse ou incapacidade de alguns estudantes em acompanhar o currículo oficial. Tem-se que à medida que se avança na produção de novas tecnologias, novas ferramentas hão de ser desenvolvidas e aquelas já existentes hão de ser aprimoradas, enquanto outras vão sendo adaptadas, em meio a um contínuo processo interdisciplinar.

CONCLUSÃO

Após os estudos realizados, as análises aplicadas e os resultados alcançados, chega-se à conclusão de que as histórias em quadrinhos conquistaram um espaço especial no imaginário da população, começando pelos mais jovens, uma vez que seu público-alvo era, de início as crianças, devido ao aspecto de desenvolvimento linguístico e aprimoramento da língua, gosto pela leitura e conhecimento literários.

A grande questão que se apresentou como *leitmotiv* desta dissertação é a de que se seria possível adaptar os clássicos da literatura clássica canônica vernácula brasileira, utilizando os autores de maior renome do País, neste campo. Para isto, buscou-se analisar, didaticamente, como se procederia até se chegar a tal ponto e quais os objetivos seriam traçados, com a finalidade de se construir a produção léxica dos estudantes.

Partiu-se do entendimento de que a literatura é um bem necessário à economia psíquica de um indivíduo e também, um componente didático valioso para a manutenção e a transmissão da história factual, sobre os escombros e as ruínas, os autores constroem e edificam grandes clássicos, como citou-se ao longo do trabalho, desde Homero, na Grécia até Ovídio, na Itália, Tostói e Dostoiévsky, na Rússia, Margaret Mitchell, nos Estados Unidos da América, Milan Kundera, na Cortina de Ferro, Gorge Orwell que, enquanto escrevia seu romance *1984*, estava sob vigilância austera da Scotlan Yard.

Como forma de melhor compreender o processo de quadrinização de obras clássicas literárias, montou-se um projeto de estudos, em que os estudantes foram introduzidos no processo e além das aulas expositivas, atuaram proativamente na elaboração de quadrinhos, a partir de seus aspectos cognitivos, intelectuais e epistemológicos e o re-

sultado atesta que esta modalidade didática se prova com uma força surpreendente, ressalvadas as peculiaridades inerentes ao processo que, pode-se destacar a formação inicial do professor, seu potencial linguístico-literário, seu conhecimento de literatura, semiótica, interdisciplinaridade, didática e transposição didática.

Como empreendimento didático, chegou-se à conclusão de que para se efetuar a quadrinização, o professor deve seguir procedimentos de organização da sua atividade, com execução de um elaborado planejamento a saber: a escolha do autor, a escolha das obras, o conhecimento profundo das mesmas e o domínio técnico da aplicação dos conteúdos e sua respectiva análise, interpretação, compreensão e síntese e uma nova aplicação em larga escala educacional.

Como desafios postos para futuras investigações, tem-se que a técnica de quadrinização necessita de investigações mais profundas em suas concepções e estruturação didática, porque trabalha com agremiação de inúmeras outras ciências que, para o sucesso da atividade quando aplicada empiricamente, não só o professor deve ter ciência das mesmas, como domínio, como o estudante também deve ser inteirado de suas possibilidades e potencialidades.

Conclui-se que o ensino de literatura clássica utilizando as histórias em quadrinhos representa um avanço epistêmico e didático, incomparável na história e a quadrinização, uma oportunidade ímpar para que os estudantes possam aproximar-se ao máximo da produção intelectual autônoma.

REFERÊNCIAS

ADAPTAÇÕES de obras de literatura para os quadrinhos, um dos nichos que mais cresce no mercado dos gibis. *Jornal da Metodista*, São Paulo, 2010. Ano 17, nº 90. Disponível em: <http://www.metodista.br/jornal-metodista/90/literatura-em-quadrinhos>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

AMARILHA, Marly. Magali e Cascão vão a escola: transitando entre imagens e palavras. In: ID. *Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2006.

BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BARBOSA, Alexandre et al. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, A. M. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In BARBOSA, Ana Mae. *Arte/Educação contemporânea, consonâncias internacionais*. (Org.), 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BELLEMIN-NOËL, Jean. *Psicanálise e Literatura*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BRODEN, Thomas F. Semiologia/semiótica em Saussure e Jakobson: conceitos, filiações, debates. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 19 - Número Especial/Dossiê: p. 299-309, 2017.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental V. I.* 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental V. II.* 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental V. III.* 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental V. VI.* 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

CATALDI, Zulma; LAJE, Fernando J. *Diseño y organización de tesis*. Buenos Aires: Nueva Librería, 2004.

COSSON, R. O apagamento da literatura na escola. *Investigações: linguística e teoria literária*, Recife, v. 15, n. 1, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.revista-investigacoes.com.br/Volumes/Vol.15/Investigacoes-V15.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

EITERER, Luiz Henrique. (2013). *O Método da análise do Discurso*. Disponível em: lheimerer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html. Acessado em 02/05/2019.

FAZENDA, Ivani C. A. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 11. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. *Clássicos literários adaptados para história em quadrinhos: um recurso para ensinar línguas e despertar para a leitura*. Educação, Gestão

e *Sociedade*: revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 4, número 16, Novembro de 2014, pp. 01-10.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. [Apostila], 2002.

FREUD, Sigmund. (1907 [1906]). *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1910). *Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens* (contribuições à psicologia do amor I). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Marcelo Soares de. *Literatura em Quadrinhos: Uma questão de adaptação*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Recife, 14 a 16/06/2012.

LOPES, José Leme. *A Psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir/MEC, 1974.

LÜDKE, Komedir M.; ANDRÉ, M. A. *Pesquisa em educação*. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, J. M. *Traça traço quadro a quadro: A produção de histórias em quadrinhos no ensino de Artes*, Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.

NUNES, Antônio Vidal. *Metodologia da pesquisa educacional* [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. *A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura*. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed. Campinas: Pontes, 2005.

PERRELLI, M. R.; STRYER, F. A. (2012) *Leitura: a contribuição das histórias em quadrinhos para a formação do leitor*. Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uepg_port_artigo_marcia_regina_perrelli_dudziak.pdf. Acesso em 22 set. 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. *Literatura e quadrinhos em diálogo: Adaptação e leitura hoje*. Ipotesi: Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014.

POPPER, K. R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: UNB, 1972.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. Porto Alegre: Globo, 1983.

ROSEMBAUM, Yudith. *Literatura e psicanálise: reflexões*. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234.

RUDIO, F. V. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Wanderley Alves dos. *Literatura e história em quadrinhos na educação básica: uma sequência didática criativa*. Universidade Federal de Goiás, 2015.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. *O princípio da Falseabilidade e a noção de ciência de Karl Popper; Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-principio-falseabilidade-nocao-ciencia-karl-popper.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2019.

SAUTU, Ruth; BONIOLO, Paula; DALLE, Pablo y ELBERT, Rodolfo. *Manual de metodología – construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodología*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

SILVA, Rafael Laytynher. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super Heróis para a Formação de Leitores Críticos. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*. Ano 5 - Edição 1 - Setembro-Novembro de 2011.

SOUZA, S. R. *Comunicação pessoal ao autor*, realizada em 01 de setembro de 2019.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. *A Liga da Justiça no Divã*. São Paulo: PerSe, 2018.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGUEIRO, W. Quadrinhos e Educação Popular no Brasil. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte*. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. Brasília: Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro, s.d.

VOESE, I. (1997). *O movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise do discurso*. [s.f.].

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. In: *Darandina Revista Eletrônica*. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 10, no.2, 2018, pp. 01-20.

O AUTOR



ADEBIO DE JESUS RIBEIRO LISBOA

Possui graduação em Letras pela Universidade Metropolitana de Santos (2016), Pós Graduado em Língua Portuguesa e Literatura, pela Faculdade de Pinheiros (2017) Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, pela Faculdade Vale do Cricaré (2019) Atualmente é professor de Língua Portuguesa/Literatura e Atividade de Pesquisa - Secretaria Estadual de Educação (SEDU).

ISBN 978-659956927-2



9

786599

569272

UNIGALA
LITERARIA